**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**DISCIPLINA/INDISCIPLINA ESCOLAR:**

**percepção do professor e de alunos de uma escola da rede pública de Aracaju**

Mayra Theodoro Gomes Corrêa

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2010**

**MAYRA THEODORO GOMES CORRÊA**

**DISCIPLINA/INDISCIPLINA ESCOLAR:**

**percepção do professor e de alunos de uma escola da rede pública de Aracaju**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe, como um dos requisitos para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Neide Sobral.

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2010**

Mayra Theodoro Gomes Corrêa

**DISCIPLINA/INDISCIPLINA ECOLAR:**

**percepção do professor e de alunos de uma escola da rede pública de Aracaju**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Sergipe, e aprovada pela banca composta pelos seguintes professores:

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª. Drª. Maria Neide Sobral

Orientadora

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profª. Drª. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas

UFS

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Profº. Msc. Fábio Alves

UFS

Monografia aprovada no dia / / 2010, no Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe.

**Queremos Homens Completos ou Meros Cidadãos?**

A educação atual e as atuais conveniências sociais permeiam o cidadão e imolam o homem. Nas condições modernas, os seres humanos vêm a ser identificados com as suas capacidades socialmente valiosas. A existência do resto da personalidade ou é ignorada ou, se admitida, é admitida somente para ser deplorada, reprimida ou, se a repressão falhar, sub-repticiamente rebuscada. Sobre todas as tendências humanas que não conduzem à boa cidadania, a moralidade e a tradição social pronunciam uma sentença de banimento. Três quartas partes do Homem são proscritas. O proscrito vive revoltado e comete vinganças estranhas. Quando os homens são criados para serem cidadãos e nada mais, tornam-se, primeiro, em homens imperfeitos e depois em homens indesejáveis.

A insistência nas qualidades socialmente valiosas da personalidade, com exclusão de todas as outras, derrota finalmente os seus próprios fins. O atual desassossego, descontentamento e incerteza de propósitos testemunham a veracidade disto. Tentamos fazer homens bons cidadãos de estados industriais altamente organizados: só conseguimos produzir uma colheita de especialistas, cujo descontentamento em não serem autorizados a serem homens completos faz deles cidadãos extremamente maus. Há toda a razão para supor que o mundo se tornará ainda mais completamente tecnicizado, ainda mais complicadamente arregimentado do que é presentemente; que graus cada vez mais elevados de especialização serão requeridos dos homens e mulheres individuais. O problema de reconciliar as reivindicações do homem e do cidadão tornar-se-á cada vez mais agudo. A solução desse problema será uma das principais tarefas da educação futura. Se irá ter êxito, e até mesmo se o êxito é possível, somente o evento poderá decidir.

*Aldous Huxley, in "Sobre a Democracia e Outros Estudos".*

**RESUMO:**

A presente pesquisa objetivou analisar as implicações referentes à indisciplina escolar no desempenho dos alunos do quarto ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal de Aracaju. Dessa maneira, foi realizado um estudo teórico, a partir da análise de pesquisas, livros e artigos, sobre as concepções de indisciplina escolar ao longo da história correlacionado às consequentes ações dos alunos no decorrer deste estudo. Assim, compreendemos em que medida, de fato, a indisciplina é um fundamento que influi para a boa convivência no espaço escolar, tanto para os professores e equipe diretiva, quanto para os alunos, sendo também possível analisar suas consequências no aprendizado dos alunos. Utilizamos para este estudo a metodologia de Estudo de Caso, com levantamento de dados referentes à observação e acompanhamento do rendimento escolar dos alunos, além da exposição de um breve relato de sua história de vida, a fim de que pudéssemos estabelecer relações entre o contexto familiar no qual os alunos estão inseridos e a postura de cada um deles em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Disciplina; Indisciplina; Escola; Punição; Regras.

**ABSTRACT:**

This research aimed to analyze the implications relating to school indiscipline on the performance of fourth elementary graders from a public school in the city of Aracaju. Thus, it was conceived a theoretical study, based on the analysis of research, books and articles, about the concepts of school indiscipline through the history and correlate to the consequent actions of students during this study. Thus, we understand that the indiscipline is a foundation that influences in the coexistence in the school space for both teachers and management team, and for students, as well as analyzing their effects on student learning. It was used for this study the methodology of Case Study, with survey data from an observation and monitoring of performance of the students. It was also done an exhibition of a brief history and the lives of the students in study, so that we could establish relationships between the family context in which students are enrolled and the posture of each one in the classroom.

**KEYWORDS:** Discipline; Indiscipline; School; Penalty; Rules.

**DEDICATÓRIA:**

Dedico este estudo aos alunos do quarto ano do ensino fundamental da escola municipal a qual realizei a presente pesquisa, por terem sido a minha maior motivação para analisar a disciplina/indisciplina escolar e por terem me proporcionado vivências maravilhosas em sala de aula que me fizeram compreender os caminhos admiráveis que o exercício do trabalho docente percorrem.

**AGRADECIMENTOS:**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, aquele que me deu a vida e o privilégio de desfrutar de todas as maravilhas por Ele criadas, possibilitando o alcance dos meus sonhos e depositando em mim todo o seu imenso amor.

Aos meus pais Anselmo e Claudia por serem meus maiores incentivadores e por me fazerem acreditar que posso ir muito longe.

À minha irmã Laís e ao meu irmão Silas pelo carinho, amizade e apoio depositados.

Ao meu lindo sobrinho Rodrigo, que no último ano veio trazer grandes alegrias para as nossas vidas.

Ao meu namorado Bruno por se mostrar sempre disposto a me ajudar no que fosse preciso.

Ao meu avô Zezinho e à minha avó Lourdes pelo estímulo.

Às minhas colegas de curso Myrian, Priscila, Iris, Gracy, Maria e Raquel pelo companheirismo e pelos auxílios no decorrer de minha trajetória acadêmica.

A todas as minhas colegas e professoras da Escola Municipal Sabino Ribeiro pelo apoio e compreensão e por possibilitar que eu pudesse percorrer os caminhos do trabalho docente.

Às minhas amigas Ellen, Camilla, Ediane, Ana Cláudia e Elayne pelo companheirismo e pelas palavras de ânimo para que conseguisse concretizar esse trabalho.

À minha professora e orientadora Maria Neide Sobral por todos os ensinamentos e pelos acompanhamentos que me auxiliaram na concretização deste trabalho.

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO** 01

**CAPÍTULO I – Breve Histórico Sobre Disciplina/Indisciplina Escolar** 07

**CAPÍTULO II – Disciplina/Indisciplina: Histórias e percepções da professora e dos alunos.** 18

A percepção da professora sobre a disciplina/indisciplina escolar 19

A percepção dos alunos sobre a disciplina/indisciplina escolar e as suas histórias de vida... 28

Dos considerados disciplinados na percepção da professora 30

Dos considerados indisciplinados na percepção da professora 32

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**  38

**REFERÊNCIAS** 41

**ANEXOS**

**Introdução**

Diante da experiência com o trabalho docente, professores se deparam com situações de conflito em sala de aula que os fazem refletir sobre qual deve ser o relacionamento ideal professor-aluno nestas determinadas circunstâncias. Por isso, consideramos que é de grande importância estudar o processo de convivência e contato entre professores, alunos e equipe diretiva no interior do ambiente escolar, pois tais estudos podem servir de auxílio para que os professores saibam como devem agir para fazer com que a sala de aula seja um ambiente colaborativo e para que o processo de ensino–aprendizagem não seja prejudicado.

A disciplina tem sido considerada então, um mecanismo primordial que impõe a ordem e rege o bom funcionamento da organização de uma escola, conforme analisou Barros (2005). No entanto, percebemos que a temática disciplina não tem sido tratada do modo que se deve, pois ainda não são muitos os estudos sobre o tema.

A nossa percepção foi a de considerar que este assunto é de grande relevância para o bom andamento das relações existentes na escola, sendo parte indissociável do cotidiano escolar. Em um estudo sobre a disciplina escolar e suas implicações na escola primária, Barros (2005, p. 19) afirma que:

o conceito "disciplina" é recorrente em todos os aspectos da vida humana. Desde que o Homem começou a viver em grupo, tomou-se imperativa a submissão a certos princípios de conduta que permitissem a permanência da harmonia dentro da comunidade. O estabelecimento de normas, regras e obrigações é, pois, inerente à condição humana e é subjectivado em deveres que cada um deve cumprir.

Diante de nossas vivências em sala de aula como estagiária em uma escola da rede municipal de ensino de Aracaju, observando as situações de sala de aula e como os professores têm reagido em relação à conduta dos alunos e por evidenciar a freqüência de situações de indisciplina no cotidiano escolar, surgiu o interesse de realizar um estudo acerca desta temática. Conduta esta, entendida aqui, como ação (ou omissão) do aluno a determinada finalidade, o que implica em obediência/desobediência às exigências, às normas, aos preceitos instituídos, provocando situações de disciplina/indisciplina escolar. Isto nos motivou na busca do entendimento de como devemos nos relacionar com estas situações de ensino em determinadas circunstâncias.

O desejo de analisar a disciplina/indisciplina nasceu não só das circunstâncias vividas em sala de aula, mas também pela constatação de conflitos existentes em momentos fora da sala de aula, como por exemplo, no recreio. Vimos que os alunos utilizavam o tempo disponível para o recreio, muito mais para agredir uns aos outros, fosse de forma verbal ou física, do que para brincar e ampliar um relacionamento saudável com os colegas. Mesmo nos detendo na questão disciplina/indisciplina na escola, não deixamos de levar em consideração os fatores externos a este ambiente que possivelmente influenciam na conduta dos alunos.

Partimos então, dessa necessidade de compreender as situações de disciplina/indisciplina existentes no ambiente escolar, a fim de contribuir na busca de alternativas que amenizem os conflitos existentes no dia-a-dia da sala de aula e da escola. Diante dessas observações surgiram alguns questionamentos: Por que determinados alunos possuem comportamentos diferenciados uns dos outros se o ensino é o mesmo para todos? Será que a educação familiar ou contexto social que o aluno vive tem sido os principais responsáveis em influenciar o comportamento das crianças em sala de aula? Como um professor deveria agir diante de situações mais incomuns? Para viabilizar uma melhor compreensão destas reflexões a respeito da temática patente, tomamos como base os escritos sobre vigilância, punição e disciplina expostas por Foucault (2004), que analisou a disciplina como um mecanismo de controle e submissão dos sujeitos em suas relações sociais entre os séculos XVII e XIX.

Preferimos, portanto, optar por Foucault precisamente porque encontramos nele uma abordagem original e competente de se fazer leituras de outros tempos, estranhando o que tem sido visto e historiado como óbvio. Em outras palavras, desfamiliarizando. Tal abordagem, porém, não significa apenas inverter os procedimentos. Significa, sobretudo, conceber diferentemente a relação homem-mundo. Assim, atentar para o corriqueiro, estranhar o que aparentemente está dado, parece ser um convite permanente de Foucault (FISCHER,2004,p.145).

Portanto, realizamos esta investigação com o intuito de entender a disciplina/indisciplina na escola, a partir da conduta do professor e do aluno de uma determinada escola da rede pública de ensino de Aracaju/Sergipe. Desse modo, consideramos o ambiente escolar como espaço que deve ser colaborativo, o que não tem sido evidenciado na prática das escolas. Preocupada com isto, construímos o nosso problema de pesquisa: Como professor e alunos expressam suas percepções a respeito do problema da disciplina/indisciplina na escola, em uma turma de uma instituição da rede pública do Ensino Fundamental de Aracaju/Se? Assim, analisamos através das falas da professora e dos alunos a relação entre a disciplina escolar, conduta do professor, rendimento escolar do aluno e o convívio na escola. Além disso, também buscamos alguns elos entre indisciplina e autoritarismo do professor. Além das falas, fizemos observações em sala de aula e pesquisas em documentos da escola (regimento, fichas dos alunos e diário de classe), considerando-os dados importantes para contextualizar nosso objeto de estudo.

Ao realizar o estudo sobre disciplina/indisciplina escolar, selecionamos uma turma do quarto ano (terceira série) do ensino fundamental em uma escola da rede pública do ensino municipal de Aracaju, situada em um bairro da zona norte desta capital. A instituição de ensino municipal escolhida tem sido considerada uma das mais importantes para a população do bairro onde está inserida e nas áreas próximas. Tem cerca de seiscentos alunos nos turnos da manhã, tarde e noite, além de possuir aproximadamente quarenta professores, incluindo outros funcionários. No turno matutino, o ensino é destinado aos alunos inseridos nas séries iniciais do ensino fundamental, do primeiro ao quinto ano; no turno vespertino, têm sido acolhidos os estudantes do sexto ao nono ano do ensino fundamental, e por fim, no turno da noite, aqueles que estão introduzidos na educação de jovens e adultos.

A turma de quarto ano selecionada para o estudo possui um total de 20 (vinte) alunos, dentre os quais são em maior parte do sexo masculino, com idades de 10 (dez) a 13 (treze) anos, sendo que quase sua totalidade é repetente. Em relação ao desempenho escolar dos alunos desta turma, foi feito um levantamento das notas nos diários de classe e verificado que estes possuem maiores dificuldades nas disciplinas de matemática e ciências.

Por considerar que a indisciplina escolar está associada não só restritamente ao seu ambiente, mas também a fatores externos a ela, optamos por uma metodologia de Estudo de Caso. Esse tipo de pesquisa se distingue das demais por ser tentar compreender uma instância singular, “uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada” (LUCKE; ANDRÉ, 1986, p. 21). Para tanto procuramos levantar aspectos da vivência da turma, cujos dados foram levantados inicialmente através de seis observações realizadas em sala de aula[[1]](#footnote-1). Essa fase, no Estudo de Caso foi necessária para explorar aspectos da turma e delinear o nosso objeto de estudo.

Esse tipo de estudo permitiu não só analisar as relações presentes na escola, como também as relações que se estendem a ela. De acordo com André (1999, p. 71):

conhecer a Escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia-a-dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados.

Consideramos essa metodologia de pesquisa adotada bastante relevante para o estudo deste tema, pois permitiu que tivéssemos uma proximidade maior com o nosso objeto de estudo, possibilitando em nosso caso um contato direto com o dia-a-dia escolar. Segundo André e Ludke (1986, p. 12):

a justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muitos influenciados pelo seu contexto. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo.

Além dos alunos, foi observada também a conduta da professora perante os seus alunos e as medidas que foram adotadas por ela para que determinadas situações consideradas de indisciplina fossem solucionadas. Nosso propósito foi o de analisar os possíveis motivos que levam os alunos a serem indisciplinados. Para isso, após as observações feitas em sala de aula, foi feita uma entrevista com a professora desta classe,[[2]](#footnote-2) em que foram levantados dados sobre as suas principais dificuldades em sala de aula, bem como o seu conceito de indisciplina e as suas possíveis causas. Também buscamos nesta entrevista levantar dados sobre os alunos considerados por ela como os mais disciplinados e indisciplinados. A partir desta entrevista, destacamos da fala da professora, 04 alunos considerados por ela como disciplinados e 04 indisciplinados, com as respectivas condutas que levavam a professora a fazer essa distinção.

Assim, com base nas concepções referentes à disciplina escolar destacadas em Foucault (2004), realizamos entrevistas com os alunos, com o objetivo de elaborarmos um breve histórico da vida de cada um deles, enfatizando os fatos da sua trajetória escolar, na tentativa de compreendermos (e respondermos nossa questão de pesquisa) dados da sua vida pessoal e escolar que possivelmente nos ajudariam a compreender um pouco mais de suas condutas em sala de aula. Segundo Fischer (2004, p. 156):

adotar história de vida aliada à perspectiva foulcautiana é mais do que atender às críticas expostas. É acima de tudo conceber a linguagem como constituinte da realidade. É entender os depoimentos obtidos via história de vida como fruto de práticas discursivas, as quais por sua vez são históricas, porque contingentes.

Adotamos a história oral de vida escolar como técnica de coleta de dados dentro do Estudo de Caso que realizamos, por acreditar que este procedimento permitiu que pudéssemos articular as entrevistas junto aos dados coletados por meio de documentos escritos. Para Meihy e Holanda (2007, p. 15): “A história oral é um conjunto de procedimentos que não se trata apenas de um ato ou procedimento único. História oral é a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto”. E ainda acrescenta que: “A história oral de vida, no entanto, colocou-se como uma possibilidade de superar a mera aquisição de dados em favor da possibilidade de uma visão mais subjetiva das experiências dos depoentes” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 85).

Durante o decorrer da análise deste estudo, investigamos também os documentos presentes na escola que nos levariam a compreender este tema de modo mais amplo, como ficha individual, diário de classe, além de observar também o regimento escolar[[3]](#footnote-3). Fischer (2004,p. 155) afirma que:

o que se está pretendendo é, antes, aliar documentos escritos e orais, articulando-os dinamicamente à luz da análise discursiva. Isto, o fazemos conscientes das restrições que têm sido contundentemente referidas, não apenas à história de vida, mas também em relação à história oral como um todo.

Neste estudo, abordaremos então, no primeiro capítulo um breve histórico da disciplina escolar, de acordo com alguns dos escritos de Foucault, a partir das transformações que aconteceram na sociedade, principalmente na formação dos indivíduos, entre os séculos XVII e XIX. Assim, buscamos estabelecer as consequentes transformações que os fatos ocorridos naqueles períodos puderam influenciar nas ações das escolas.

No segundo capítulo, procuramos compreender as percepções da professora e dos alunos a respeito do problema da disciplina/indisciplina na escola. Para tanto, os dados coletados nos possibilitaram analisar as relações entre a disciplina escolar, conduta do professor, rendimento escolar do aluno e o convívio na escola, bem como a existência de alguns elos entre indisciplina e autoritarismo.

Por fim, a pesquisa nos indicou que no decorrer dos tempos, o conceito de disciplina/indisciplina não sofreu grandes modificações, pois ainda hoje, acredita-se que a sociedade necessita desses fins para que seja bem organizada. Assim, a escola também acatou as regras que poderiam encaminhar uma convivência colaborativa, em que os alunos deveriam obedecer, a fim de não prejudicar o processo de ensino-aprendizagem.

**Capítulo 1**

**Reflexões Sobre Disciplina/Indisciplina Escolar**

Entre os séculos XVII e XIX começaram a existir na sociedade fortes discussões relativas à boa convivência social, que de modo geral, envolviam questões referentes às regras e a disciplina do homem. Naquele momento, no contexto do processo de industrialização, ocorreu na sociedade a conversão do homem em máquina. Ou seja, o trabalho teria a finalidade de tornar o indivíduo útil, dócil e disciplinado, como requisito necessário para ingresso no sistema produtivo. Essa conversão do homem em máquina refere-se a uma teoria geral do adestramento, que fez com que o homem se tornasse um ser “que se manipula, se modela, se treina, se obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2004, p. 117).

A Revolução Industrial, ocorrida no decorrer do século XVIII, foi um marco histórico que provocou mudanças sociais e educativas que interferiram de maneira significativa neste processo de transformação do homem em máquina. Esta Revolução veio modificar profundamente os modos de vida, como o trabalho, a mentalidade e as instituições da sociedade moderna. Dessa forma, o processo educativo também sofreu intervenções, já que este se voltava para as necessidades daquele momento:

são processos educativos que agem em profundidade: renovam a mentalidade, criam um novo universo de símbolos, delineando novos valores (laicos e civis), fixam um novo tipo de homem social (o cidadão). São processos que delineiam uma ideologia e, ao mesmo tempo, a implantam na sociedade (CAMBI, 1999, p. 372).

Assim, pensava-se que toda instituição social deveria possuir preceitos que fizessem com que o homem agisse de maneira correta, seguindo instruções que fossem necessárias para que houvesse o bom convívio. Daí surgiu a concepção de disciplina como um mecanismo necessário para o controle dos corpos. Segundo Foucault (2004, p. 118): “Esses métodos que permitem o controle minuncioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas”. Notadamente, a escola foi assumindo ao longo dos séculos XIX e XX o papel de colaborar neste processo de adestramento social, que por sua vez atendia aos princípios da lógica capitalista que vinha se estabelecendo.

Desse modo, o homem era visto como um ser que deveria ser adestrado, com o objetivo de se tornar um bom cidadão, um ser capaz de ser transformado e aperfeiçoado. No entanto, havia um “regime” de vigilância e punição, com a elaboração de leis que penalizassem aqueles que não seguissem as regras impostas nas instituições sociais. A prisão, por exemplo, foi historicamente constituída como um lugar que visava adestrar e aprimorar o homem e não como um lugar de suplício. Aqueles que feriam as regras deveriam passar por um processo de correção e aprimoramento, e recebiam a punição para que, posteriormente, seus interesses pessoais fossem adquiridos. Nesse contexto, o corpo era visto como o principal alvo da repressão penal, sendo a punição feita em lugares públicos. Foucault (2004, p. 13) afirma que:

a punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias conseqüências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens.

Os processos de disciplina que já existiam há muito tempo em várias instituições sociais foram sofrendo transformações. Até que nos séculos XVII e XVIII, a disciplina servia para controlar o homem e era uma fórmula geral de dominação, que tinha como finalidade fazer com que o indivíduo buscasse o domínio sobre o seu próprio corpo. A respeito das mudanças referentes à disciplina neste período, Foucault (2004, p. 119) acrescenta que:

mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. Diferentes da escravidão, pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes. Diferentes também da domesticidade, que é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão, seu "capricho". Diferentes da vassalidade que é uma relação de submissão altamente codificada, mas longínqua e que se realiza menos sobre as operações do corpo que sobre os produtos do trabalho e as marcas rituais da obediência. Diferentes ainda do ascetismo e das "disciplinas" de tipo monástico, que têm por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que, se implicam em obediência a outrem, têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo.

No decorrer do século XVII ocorreram renovações profundas na escola, que começou a adotar preceitos de uma escola moderna, influenciada por princípios originados de movimentos como o humanismo[[4]](#footnote-4) e a revolução burguesa[[5]](#footnote-5). Naquele momento, a escola passou a ser mais organizada e administrada pelo Estado, de modo que deveria formar o homem que fosse cidadão, técnico e intelectual. Dessa maneira, a escola passou a assumir um papel social mais central e universal, transmitindo os saberes de caráter especializado, submetendo o homem a formas de controle, com um ensino mediado pela disciplina e prática de exames. Sobre este aspecto, Cambi (1999, p. 306) afirma que: “Toda a vida escolar foi depois submetida a sistemas de controle e de planificação, a rituais e a instrumentos (a chamada, o registro) que permanecerão centrais em toda a história da escola moderna, e que exercem um papel ao mesmo tempo disciplinar e formativo”.

Com o nascimento de uma educação moderna, a escola transpôs a assumir também um caráter racionalizado, em que as classes passaram a ser organizadas por “idade”, com o estabelecimento de regras e objetivos comuns, que preservassem a inocência das crianças e as protegesse das más influências de estudantes mais velhos, assim como analisou Ariés (1981). Além disso, a escola, inspirada nos preceitos da classe burguesa, era vista como um ambiente em que se organiza e se amplia uma civilização das boas maneiras, no qual o homem passou pelo processo que o tornou um sujeito cada vez mais social, constituído de normas e dependente da sociedade civil. Assim, através de suas regras e proibições, a escola assumiu sua identidade disciplinar e colaborou para que o homem atravessasse este processo. Foi, então, naquele contexto que surgiu uma “sociedade de corte”,[[6]](#footnote-6) que educou os sujeitos por meio da imposição dos seus modelos de comportamento, inspirando o estilo de vida dos indivíduos daquela época. No entanto, esta sociedade de corte causou sérios conflitos no meio social.

A vida de corte torna-se, assim, um jogo sério e melancólico, como dizia La Bruyére, entremeado de escândalos, intrigas, competições, amizades interesseiras e dependências hierárquicas que se nutre da arte de observar os homens, da arte de tratar os homens, do controle dos sentimentos etc. E desta complexa engrenagem o eixo central é o rei, que não está absolutamente livre da etiqueta, mas que a produz e a procura ao mesmo tempo, estabelecendo assim um mecanismo de regulamentação, segurança e vigilância (CAMBI, 1999, p. 309).

A partir da Revolução Francesa, ocorrida em 1789 e do crescimento cada vez mais acentuado das indústrias, foi se estabelecendo gradualmente a Época Contemporânea, que fez com que a sociedade passasse por transformações significativas. Nesta época, entrou em vigor na sociedade um “cidadão” que tivesse princípios morais atrelados aos preceitos democráticos, com a formação de indivíduos autônomos e capazes de lutar pelos próprios direitos. Sobre este cidadão Cambi (1999, p. 380), afirma: “O cidadão da democracia é o indivíduo burguês, que tem autonomia, opinião e bens, sendo, portanto, sujeito político com plenos direitos”.

Desse modo, a educação/pedagogia se tornou de maneira significativa um núcleo mediador da vida social, em que ocorreram grandes inovações e transformações segundo os modelos adequados ao desenvolvimento histórico contemporâneo.

Nos anos Oitocentos e Novecentos a educação torna-se quase um centro de gravidade da vida social: o momento em que se organizam processos de conformação às normas coletivas, em que a cultura opera sua própria continuidade, em que os sujeitos superam sua própria particularidade (de indivíduos, de etnia, de classe) para integrar-se na coletividade, mas através do qual também recebem os instrumentos para inserir-se dinamicamente neste processo, solicitando soluções novas e mais abertas (CAMBI, 1999, p. 381).

Apesar de não aprofundar seus estudos no que se refere à disciplina escolar, Foucault analisou que as escolas exerciam um papel primordial para o desenvolvimento do poder disciplinar, já que os processos disciplinares já existiam há muito tempo em instituições como conventos, exércitos, escolas, etc. Desse modo, eram impostos nos colégios um modelo disciplinar praticado nos conventos, em que o internato aparece como o regime de educação mais freqüente, considerado mais perfeito. A delimitação do espaço, por exemplo, passou a ser um mecanismo de grande importância para a vigilância dos corpos. Foi no século XVIII, que a ordenação por fileiras, não só nas salas como também nos corredores e no pátio, começou a deliberar a grande forma de repartição dos sujeitos na ordem escolar. Os alunos foram se deslocando de uma fila para a outra, de acordo com a idade, desempenho, comportamento, tornando o espaço escolar um lugar em que os alunos devem conquistar valores ou méritos. Neste contexto, o corpo humano era considerado mais útil quando fosse mais obediente, ou seja: “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis” (FOUCAULT, 2004, p. 119).

A partir do final do século XIX, o corpo deixou de ser visto como alvo de repressão, e assim, começou a existir a concepção de que o corpo não é um instrumento de punição. Neste momento histórico, passou a existir a percepção de que a liberdade é um direito e um bem que o homem possui, e intervir sobre o seu próprio corpo seria privá-lo de sua liberdade. Foucault (2004, p. 13) afirma que:

o essencial é procurar corrigir, reeducar, "curar"; uma técnica de aperfeiçoamento recalca, na pena, a estrita expiação do mal, e liberta os magistrados do vil ofício de castigadores. Existe na justiça moderna e entre aqueles que a distribuem uma vergonha de punir, que nem sempre exclui o zelo; ela aumenta constantemente.

A escola, por ser uma instituição que também necessitava de regras que instituíssem o bom convívio, acatou algumas medidas que os alunos deveriam seguir. Assim, os alunos que apresentavam uma má conduta eram castigados, num primeiro momento de maneira física (nas sociedades mais tradicionais) e, posteriormente de maneira psicológica. Desse modo, até hoje ainda existem, situações de conflitos e rompimento de regras estabelecidas pelas escolas. Sobre este aspecto, Foucault (2004, p. 18) assinala que:

se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que, então, se exerce? A resposta dos teóricos - daqueles que abriram, por volta de 1780, o período que ainda não se encerrou - é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições.

Entre as grandes modificações que ocorreram no ensino elementar e ultrapassou os preceitos educativos da sociedade tradicional está a organização do espaço serial, em que a escola deixou de obter não só a tarefa de ensinar, mas também de vigiar e hierarquizar. Os alunos do ensino tradicional eram atendidos individualmente, enquanto os demais esperavam, abrindo assim um espaço para a desordem, diferente da organização do ensino da sociedade moderna em que os alunos passaram a ser ensinados de modo simultâneo.[[7]](#footnote-7) Dessa maneira, o espaço escolar era visto como uma máquina de ensinar, em que disciplina tinha a finalidade de analisar o espaço, decompor e recompor as atividades, organizar o tempo, etc. Assim, ao analisar este processo de transformação do ensino, Foucault (2004, p. 126) afirma que: “Determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar”.

No século XIX, a punição passou a ser exercitada nas escolas como uma maneira de prevenir as ações de indisciplina dos indivíduos. Ela era feita em caráter inconsciente, penetrando na alma e não mais no corpo, de modo que as práticas disciplinares aplicadas pelas escolas dessa época não conseguiram constituir novas formas de controle mais suaves.

O controle é essencialmente uma economia do poder que gerencia a sociedade em função de modelos normativos globais integrados num aparelho de Estado centralizado; mas, de outro, trata-se igualmente de tornar o poder capilar, isto é, de instalar um sistema de individualização que se destina a modelar cada indivíduo e a gerir sua existência. (REVEL, 2005, p. 30).

Os educadores, ao se depararem com a prática docente, sejam aqueles das sociedades pré-modernas ou das sociedades atuais, encontram inúmeras dificuldades no que diz respeito à disciplina escolar. Desse modo, podemos destacar algumas transformações que ocorreram nas práticas disciplinares educacionais. Nas escolas existentes nas sociedades pré-modernas, os castigos eram feitos de modo físico. No entanto, com a evolução da sociedade, as práticas disciplinares foram se modificando: os castigos deixaram de ser físicos e passaram a ser considerados mais “leves”.

Em seus estudos sobre as transformações pedagógicas referentes à liberdade e à disciplina, Ludwing (2008, p. 41) afirma que: “A pedagogia contemporânea, em vez das punições excessivas e dolorosas, não as substituiu por modos bastante diferentes de punição, que podem ser mais silenciosos e inconscientes dos seus predecessores, mas certamente não menos eficazes”.

Nas sociedades antigas, a disciplina era utilizada como um cuidado paternal e não como um modo de vingança. Isto é, a disciplina era exercida sem ódio, ou contestação, o professor deveria possuir autocontrole. Tal concepção nos mostra que até os dias de hoje, a pedagogia utiliza mecanismos que fazem com que a disciplina escolar seja executada.

A pedagogia se baseia em técnicas particulares de governo, cujo desenvolvimento pode ser traçado historicamente/arqueologicamente, e produz e reproduz, em diferentes momentos, regras e práticas particulares. De forma crescente, a pedagogia tem enfatizado o autodisciplinamento, pelo qual os estudantes devem conservar a si e aos outros sob controle (SILVA, 1994, p. 14).

Nos dias atuais, percebemos que as mudanças que ocorreram no processo disciplinar nas escolas estimulou o mecanismo oposto ao descrito pelos estudos de Foucault, isto é, em vez de vigilância e controle, os professores, de certo modo, passaram a fazer “pouco-caso” e abandonaram seus alunos dentro da própria sala de aula, ignorando as atitudes de indisciplina dos seus alunos. Isso aconteceu porque através do surgimento de documentos como o “Estatuto da Criança e do Adolescente” (ECA)[[8]](#footnote-8), que regulamentam os direitos e deveres das crianças e os mecanismos de punição que não podem mais ser utilizados, os professores passaram a ver sua “autoridade” ameaçada. Afinal, tais documentos proíbem tanto castigos físicos quanto morais, além da inibição da expulsão e de programas de aceleração que não permitem que o aluno seja reprovado. “O professor atento foi substituído pelo professor que, às vezes, vê demais e a maior parte do tempo finge não ver. O professor sem autoridade, mas algumas vezes autoritário, que quase nunca põe limite, substitui o professor dedicado e rigoroso” (FRELLER, 2001, p. 73).

Ademais, a visão que se tinha da escola como um lugar de formação do pensamento humano, sofreu transformações. Atualmente, a escola é vista muitas vezes por todos os membros ligados a ela, como um campo de pequenas batalhas civis, marcada por uma espécie de reprodução de vivências de outros contextos institucionais, como por exemplo, a família. Além disso, a escola passou por um processo de homogeinização, desejando que todos os indivíduos sejam iguais, dominando-os e não aceitando as suas diferenças. Sobre este aspecto, Freller (2001, p. 17) afirma que:

prevalece a concepção de que os comportamentos indisciplinados são atos de transgressão de normas e regras escolares, atuados por indivíduos que não suportam as frustrações impostas pelo encontro com a realidade; no caso, práticas escolares que exigem esforço e conciliações próprias e naturais ao processo de aprendizagem e à vida em sociedade.

A partir de tais noções sobre disciplina e indisciplina escolar, entendemos que o uso de regras e normas foi se estabelecendo na sociedade como uma condição necessária para o convívio social. A “disciplina” é um mecanismo que facilita o cumprimento que as pessoas têm em relação as suas obrigações, podendo desenvolver sua própria autonomia, tornando-as capazes de superar os regulamentos internos e externos apresentados na vida cotidiana.

É por isso que não podemos analisar a disciplina escolar sem compreendermos que as regras são um artifício utilizado na sociedade, de modo que possam reger as instituições sociais. Afinal, o homem em seu processo educativo, necessita de condições básicas que o levem a viver em sociedade, de acordo com seus preceitos de um bom convívio. Para Mardones (2003, p. 147):

a limitação da conduta humana, através das regras, possibilita uma convivência mais harmônica, na qual o organismo social funciona de maneira mais coesa, cada um respeitando seus limites para o bem do corpo social, e assim, contribuindo para uma solidariedade orgânica.

Todavia, crianças e jovens precisam entender o significado que as regras impostas no ambiente escolar possuem, de modo que assim consigam cumpri-las, levando em consideração a importância que estas possuem para o estabelecimento de um ambiente cooperativo. Portanto, é de suma relevância que a escola seja mediadora no processo de elaboração das normas a serem cumpridas, fazendo com que os alunos possam construir, junto aos professores e equipe diretiva, as regras que devem ser seguidas na instituição escolar. Dessa maneira, o professor, considerado um agente fundamental na educação, poderá deixar de assumir uma postura autoritária perante seus alunos. Mardones (2003, p. 147) considera que:

os mais jovens necessitam entender o sentido da normatização. Os princípios subjacentes às regras precisam estar claros, principalmente porque as novas gerações sofrem do problema da transigência, tornando-se mais fácil o desvio de normas que não elaboraram ou pelo menos, que não foram acostumadas a cumprir.

A disciplina pode ser utilizada na escola como um mecanismo empregado para promover uma boa convivência entre professores e alunos, e não uma alternativa de amedrontar, aterrorizar, vigiar e punir os alunos. Porém, isso não quer dizer que os alunos devem fazer o que quiserem na sala de aula. Deve existir um estabelecimento de regras que respeitem as limitações dos alunos, em que os docentes utilizem a sua autoridade para estimulá-los a participarem e a construírem um favorável processo de aprendizagem. Afinal, os problemas existentes na sala de aula nem sempre estão centrados nos alunos, mas sim nos professores, através das metodologias de ensino que são aplicadas. Porém, isso não quer dizer que devemos deixar os alunos fazerem o que quiserem, mas sim fazer com que os mesmos possam construir um ambiente colaborativo, no qual não só os professores, mas também os alunos tenham voz, aprendendo a respeitar e sendo respeitados igualmente.

No entanto, ainda vivenciamos em nosso contexto social, professores que procuram controlar e vigiar seus alunos, assim como era mostrado o modelo de cidadão disciplinado analisado por Foucault nas sociedades tradicionais:

o ideal de disciplina exposto por Foucault ainda é almejado, ou melhor, sonhado pelos professores. Eles querem ter o controle total de seus alunos, ocupá-los o tempo todo, vigiá-los, treiná-los para conseguir que entendam e ajam conforme suas expectativas apenas por meio de um sinal, um olhar (FRELLER, 2001, p. 72).

Já que vivemos em uma sociedade marcada de diversas particularidades e valores, é fundamental que a escola funcione como uma instituição que leve professores, alunos e demais membros a compreenderem as regras essenciais da vida. De tal modo, se torna possível conquistar os objetivos traçados pela escola, visando o desenvolvimento plausível que cada um seja capaz de alcançar. Porém, para que tais objetivos sejam alcançados, se faz necessário que os alunos realmente participem da construção das normas e que os professores possam ter oportunidades de discutirem suas atitudes no espaço escolar em relação à indisciplina dos seus alunos, a fim de que coletivamente sejam orientadas as medidas a serem tomadas em situações de rompimento de regras.

Para que a socialização das regras, sua internalização e prática sejam possíveis, torna-se necessário que os mundos discordantes entrem num acordo quanto ao que deve ou não ser permitido, mediante as circunstâncias histórico-sociais dadas (MARDONES, 2003, p. 150).

Por isso, a disciplina deve ser utilizada como uma maneira de fazer com que os alunos reflitam sobre os seus próprios atos. Ou seja, é fundamental que os professores e demais componentes da escola procurem entender o que levou o aluno a “quebrar” as normas. É de extrema importância que a partir dos seus erros, o aluno consiga encontrar caminhos para avançar na melhoria da sua conduta. Em seu discurso sobre as formas de disciplina que foram sendo postas em prática com o decorrer da evolução da sociedade, entre os séculos XVIII e XIX. Foucault (2004, p. 150) assinala que:

o professor deve evitar, tanto quanto possível, usar castigos; ao contrário, deve procurar tornar as recompensas mais freqüentes que as penas, sendo os preguiçosos mais incitados pelo desejo de ser recompensados como os diligentes que pelo receio dos castigos; por isso será muito proveitoso, quando o mestre for obrigado a usar de castigo, que ele ganhe, se puder, o coração da criança, antes de aplicar-lhe o castigo.

Além disso, é preciso que os professores revejam as metodologias que são aplicadas em sala de aula, que possivelmente levam seus alunos a serem indisciplinados, afinal não adianta determinar que os alunos cumpram seus deveres em sala de aula se as estratégias de ensino praticadas não lhes dizem nada. Se a aula não é atraente, o aluno certamente vai procurar outras coisas que considere mais interessantes para fazer. Afinal, não adianta impor a disciplina através de atitudes autoritárias, como ficar irritado, gritar e castigar os que não se comportam do jeito que os docentes esperam, pois deste modo os sentimentos de revolta aparecem.

Enfim, através da compreensão das transformações que sucederam os processos disciplinares vigentes desde o século XVII até os dias atuais e suas influências frente aos acontecimentos[[9]](#footnote-9) ocorridos, analisamos de que modo os conflitos existentes em sala de aula tendem a ser resolvidos. Assim, por meio desse estudo pudemos entender as concepções de disciplina escolar, suas causas e possíveis soluções tanto do ponto de vista dos professores quanto dos alunos.

Este breve histórico, portanto, serviu-nos de cenário para situar nosso objeto de estudo, compreendendo as transformações ocorridas na concepção de disciplina/indisciplina escolar no tempo e ajudando-nos a responder o nosso problema de pesquisa: Como professor e alunos expressam suas percepções a respeito do problema da disciplina/indisciplina na escola?

**Capítulo 2**

**Disciplina/Indisciplina:**

**histórias e percepções da professora e dos alunos**

Os professores, ao se encontrarem com a prática do trabalho docente, enfrentam em sala de aula os mais diversos tipos de dificuldades, desde o que se refere às metodologias de ensino até o entendimento de como lidar com problemas de aprendizagem dos seus alunos. No entanto, a disciplina/indisciplina escolar tem sido o problema mais evidenciado, já que os professores têm se queixado freqüentemente de alunos que apresentam condutas de indisciplina em sala de aula. Isto tem interferido de modo significativo na construção de uma boa convivência na escola. Portanto, a disciplina sempre foi um grande desafio da educação básica a ser trabalhada nas instituições educacionais não só nos dias de hoje, mas também em tempos passados. Segundo Gallo (1999, p. 24):

a educação sempre esteve também permeada pelos mecanismos de controle. E a disciplinarização possibilita esse controle sobre o aprendizado (o quê, quando, quanto e como o aluno aprende) e também um controle sobre o próprio aluno. A disciplina também está relacionada ao comportamento, não apenas à aprendizagem. Disciplinar o aluno é também fazer com que ele perceba seu lugar social.

Foi entre os séculos XVII e XIX, que emergiu de forma mais acentuada na sociedade discussões referente à disciplina/indisciplina, a partir da necessidade de se formar um homem-cidadão, que se adequasse aos princípios da boa convivência social. Isto é, os sujeitos deveriam obedecer às regras e normas impostas pelas instituições sociais, tais como exércitos, escolas, prisões, hospitais e fábricas, que tinham a função de “adestrar” o homem, a fim de que este se tornasse um bom cidadão.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior adestrar; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes (FOUCAULT, 2004, p. 153).

Com o intuito de garantir uma aprendizagem eficaz, os professores, considerados um dos membros fundamentais da comunidade escolar, se preocupam excessivamente em manter a ordem, estabelecer limites e normas em sala de aula. Assim, consideram que através da indisciplina a escola é impedida de atingir seus objetivos. Muitas vezes, os professores se sentem de “mãos-atadas”, pois nem sempre há uma solução para que os conflitos causados pela indisciplina sejam eliminados.

Neste capítulo, abordaremos a partir dos dados coletados através de entrevistas, análise de ficha individual e observações[[10]](#footnote-10) em sala de aula e alguns dados sobre histórias de vida e escolar dos alunos, as percepções tanto da professora quanto dos alunos acerca da disciplina/indisciplina escolar.

**A percepção da professora sobre disciplina/indisciplina escolar**

Ao abordar as questões referentes à disciplina escolar, entrevistamos a professora da classe, que possui em torno de 24 (vinte e quatro anos) de experiência na carreira docente, com o intuito de compreender o que esta pensa sobre esta temática e quais são suas perspectivas. Ao ser indagada sobre quais seriam suas principais dificuldades em sala de aula, pudemos verificar neste primeiro momento que os conflitos existentes em sala de aula entre os alunos e o descumprimento da resolução das tarefas, aparecem como uma das maiores dificuldades no exercício do seu trabalho docente. Segundo ela:

a falta de tarefas, uma das principais... A falta de tarefas de casa, que não são respondidas, não são acompanhadas, não vem respondidas ... A questão de xingamentos, agressões, tanto físicas e verbais. Da mínima coisa possível, de um olhar diferente, de um sorriso diferente, acha que é deboche, os apelidos.... São as causas maiores. [[11]](#footnote-11)

O conceito de indisciplina escolar apresentado pela professora não divergiu das concepções que outros professores possuem a respeito deste tema: “Veja, tudo na vida da gente tem limites, leis, tem regras. É justamente essas regras, esses limites que não são obedecidos. Pra mim, indisciplina é isso, tudo que extrapola aquilo que lhe é permitido e invade o espaço do outro, pra mim é indisciplina”*.*[[12]](#footnote-12)Conforme afirma Freller (2001, p. 132):

os professores chamam de indisciplina os seguintes comportamentos: conversar, mexer-se, falar palavrão, ser agressivo, não usar uniforme, não trazer material, não ter interesse ou compromisso, não ter respeito, não ter educação, responder ao professor, ser agitado, hiperativo, não sentar, não se concentrar, brigar.

Percebemos que, quando os alunos são considerados indisciplinados, os professores, de modo geral, atribuem as causas de um comportamento inadequado a diversos fatores que estão fora da sala de aula, dentre os quais podemos destacar o contexto familiar. Os docentes consideram que quando os alunos têm um acompanhamento familiar existe um maior comprometimento dos mesmos com os estudos, pois eles seguem horário para realizar suas atividades. Assim, na entrevista com a professora da classe, a situação familiar foi considerada como fator determinante para que os alunos disciplinados pudessem ser assim considerados.

Então, as atividades... Eles têm o horário... É o horário de brincar, eles têm o horário de ficar dentro de casa, os horários... É realmente uma criança que tem um acompanhamento familiar... Que é o diálogo, eles são, é... Responsáveis, eles são educados... Educados no sentido de quê? De ouvir, do falar, dos modos de tratar o outro, então, isso tudo é o quê? Um reflexo da família, do que vê em casa.[[13]](#footnote-13)

Desse modo, ao ser perguntado sobre quais seriam as prováveis causas da má conduta dos seus alunos, a professora enfatizou em sua fala a rotina de um de seus alunos, considerado por ela como indisciplinado. Em seu relato, afirmou que a questão familiar era um aspecto fundamental para a boa conduta dos alunos.

É o reforço familiar. Se eles não tem é... Pronto, eu vou citar E. , o aluno E. A mãe trabalha como doméstica, têm dois exemplos dentro de casa... Um exemplo bom e um exemplo ruim. O exemplo bom é o irmão mais velho que trabalha, estuda, seguiu realmente uma visão do que se deseja de um filho. E o outro infelizmente entrou no meio das drogas, do roubo... Então ele tem esses dois exemplos em casa. E por outro lado, o pouco tempo que a mãe tem, que convive dentro de casa, porque ela trabalha... Ela é aluna também aqui da noite, então o pouco tempo que ela tem, ela dedica também esse tempo a um novo companheiro, um novo relacionamento dela e que, inclusive... O novo relacionamento dela tem quase a mesma idade do filho... Não do filho menor que estuda aqui, mas do mais velho, têm 22... 25 anos mais ou menos. Quer dizer, eles não têm um respeito, não têm a presença de um homem, que possa dar um exemplo a eles... Ele tem alguém da mesma idade que sabe que é companheiro da mãe e que não foram orientados nem consultados se deveriam, se apoiariam ou não. Foi colocado e acabou.

Pudemos, então, perceber que para esta professora existe um modelo ideal de família, um modelo idealizado por classes sociais de condições econômicas mais favoráveis, modelo esse que se aproxima daqueles comportamentos de indivíduos durante o crescimento da burguesia em séculos passados.

No depoimento a seguir notamos como essas questões aparecem quando a professora descreveu o que considerava adequado à conduta da família frente às atitudes da criança. Para ela, as características familiares consideradas “boas” e “más” no trato da disciplina familiar têm as implicações sobre o comportamento e aprendizagem dos alunos. Isto se evidenciou quando critica a falta de um referencial de autoridade masculina no novo modelo familiar adotado. Em relação à autoridade materna, a professora também expressou sua opinião e a suposta influência negativa que a mãe exercia sobre o comportamento da criança na escola. Ao ser pagodeira, o aluno repetia a cantoria e o batuque na sala de aula, o quê, segundo a professora, extrapolava o poder da escola em lidar com esta problemática familiar.

O que é que ela passa? Ela é pagodeira. Então ele passa o dia, a manhã toda na aula batendo, cantando na sala de aula. É reflexo do que ele vive em casa... Se o tempo que a mãe tem é pra ir pro pagode, é ir dançar e quer também arrastá-los, levá-los... É o exemplo que ele tem [...]. Essas dificuldades por mais que a escola tente... Corrigir a gente não corrige... Tentar mudar ou mostrar a diferença é muito difícil.

Ela se utilizava da metáfora do trabalho “ordeiro” das formigas para cobrar uma atitude coletiva de todos para resolver o problema da disciplina escolar, já que existe uma falta de apoio da família neste aspecto. Para ela, sem este trabalho coletivo, a escola nem o professor conseguirão resolver as situações de indisciplina.

É como se fosse uma formiguinha carregando um grão. [...]. As formigas só conseguem encher a sua casa de comida porque elas fazem um trabalho conjunto. Se a escola tenta fazer, o professor, a comunidade escolar tenta fazer, mas em casa ele não tem isso... Então o nosso papel fica desvalorizado, porque ele vai continuar agindo da forma que ele tem no convívio maior, em casa. Outro exemplo básico dele: ele sai da escola, ele não vai direto pra casa. Ele roda as ruas todinhas, as imediações, *lan house* e tudo mais... Pra depois chegar em casa.

Esse desregramento familiar foi reforçado ainda mais na fala da professora:

quando ele chega em casa não tem horário nem pra comer, nem pra trocar a farda... São os princípio básicos... Você chegou da escola, toma-se um banho, tira a sua farda, se tiver suja, lava. Vai almoçar, faz uma atividade, dorme um pouco pra descansar, repor as energias. Vai brincar, vai conversar... Eles não têm esses limites, ele não tem uma regra a seguir, ele age de acordo com o que ele quer e acabou. Já é independente.

A partir deste depoimento, percebemos o quanto as instituições estatais, como a escola e também a família ficam “jogando” a responsabilidade da má conduta dos alunos uma para a outra. Para a escola, os pais ou responsáveis têm o encargo de educar os filhos, mesmo que as práticas escolares sejam impróprias, de modo que se adéquem ao modelo ideal de aluno imposto, ou seja, que respeite as regras. Isto já pôde ser analisado em tempos passados, através dos estudos sobre a disciplina escolar, entre os séculos XVIII e XIX, feitos por Foucault (2004, p. 149) ao afirmar que: “A escola, torna-se um aparelho de aprender onde cada aluno, cada nível e cada momento, se estão combinados como deve ser, são permanentemente utilizados no processo geral de ensino”.

A questão da autoridade tem sido ponderada como um fator primordial para a manutenção da ordem no espaço escolar, pois esta leva o aluno a se tornar um cidadão competente, sendo muitas vezes conquistada a partir daquilo que o aluno já vivencia em seu lar. Ou seja, se o aluno obedece aos pais em casa, mais simples será de satisfazer o professor em sala de aula, de modo que assim viabilize a ordem, instrumento essencial para o seguimento da instituição educacional. Segundo Barros (2005, p. 41):

a autoridade é essencial para que a sociedade funcione e para que os seus cidadãos se possam tornar úteis e eficientes e, é na escola, que a criança se deve habituar a submeter à autoridade atribuída ao professor, como garantia da existência de uma disciplina indispensável à existência da própria instituição escolar. Mas quem delega no professor a autoridade que este exerce sobre os seus discípulos? Os pais delegam no professor a sua autoridade paternal na medida em que depositam nele a tarefa de instruir e desenvolver as suas crianças. Por outro lado, o professor dirige a sua autoridade quer à inteligência quer à vontade dos alunos, pois deve dirigir a sua conduta e os seus estudos.

Em observação[[14]](#footnote-14) da classe em estudo, foram notadas questões referentes à influência da família na percepção da professora frente à postura dos alunos na sala de aula. Notamos uma atitude de autoritarismo exercida pela professora em uma das aulas. Neste dia, a professora afirmou que os alunos estavam mal comportados, pois estavam conversando excessivamente, brincando de modo indevido e jogando giz uns nos outros. Como conseqüência dessa conduta, a professora falou que grande parte dos alunos ficaria sem recreio e, assim, um dos alunos contestou a atitude dela e virou-se de costas. Então, em continuidade a esse momento, a professora pediu que este aluno virasse para frente, mas ele não obedeceu e ela disse: “Você pode até não respeitar os seus pais, mas a mim não. Não sou sua pareceira”. Sobre este aspecto, Freller (2001, p. 135) afirma que:

a maioria dos professores, ao reclamar da indisciplina, tenta encontrar uma explicação, uma coisa, para esse comportamento do aluno. Os determinantes individuais, familiares e sociais são mais citados. Mesmo quando reconhecem problemas institucionais ou práticas escolares inadequadas, insistem em valorizar as explicações subjetivas e familiares.

Neste mesmo dia, os alunos expressaram o desconforto de também estarem vivenciando esta situação, de ficar sem recreio e sem lanche. Além disso, a professora não permitiu que os alunos sequer levantassem e fossem ao banheiro ou ir beber água sem que ela autorizasse. Sobre esses momentos, destacamos, a seguir, as falas tanto dos alunos quanto da professora.[[15]](#footnote-15)

Um aluno chama a professora de “tia” e ela diz:

- Não me chamem de tia, me chamem pelo nome. Hoje estou muito chateada com vocês para me chamarem de tia. Tia é uma coisa boa.

- Professora, não seja mau com a gente, disse um aluno.

- Eu disse a vocês para não quererem conhecer o meu lado ruim, disse a professora.

- Aqui é uma prisão, afirmou um aluno.

Vimos que assim como em tempos passados os alunos ficavam sentados a fim de serem controlados, segundo analisou Foucault (2004), a professora da classe exigiu que os alunos ficassem sentados o tempo todo, conforme vemos nas falas a seguir, quando um aluno se levantou e foi até a professora enquanto ela explicava a outra aluna.[[16]](#footnote-16)

- Mas eu tô cansado, disse o aluno.

- A professora respondeu:

- Eu estou aqui o tempo todo sentada e não estou cansada.

A metodologia utilizada em sala de aula no ensino dos conteúdos foi um aspecto que desempenhou fundamental importância na conduta dos alunos, seja de modo positivo ou de modo negativo. No depoimento da professora, quando questionada sobre em que atividades desenvolvidas em sala de aula ela considerava que os alunos ficavam menos disciplinados, ela cita que sente dificuldade em relação à prática da leitura, avaliada por ela como primordial para o desenrolar de todas as outras disciplinas, como matemática, geografia, história etc. Ela afirmou que o desenvolvimento dessa atividade tem sido sempre problemático em razão do comportamento dos alunos, e acrescenta:

é... na questão de leitura. Ou é criticando o colega, ou é fazendo zombaria, ou é querendo ler pelo colega, principalmente os que têm mais dificuldades, que realmente ainda não têm o controle sobre a leitura. Porque o aprendizado se a gente analisar, nas séries iniciais, tudo gera ao redor da leitura, da interpretação.[[17]](#footnote-17)

Já as atividades que os deixam mais concentrados foram aquelas práticas escolares de escrita, como a cópia e repetição de algum texto, que normalmente tem sido usada como forma de controle. Ao mesmo tempo quando ela utilizava nas explicações exemplos vividos por eles mesmos, os alunos se “aproveitavam” da situação para zombar dos colegas:

quer dizer, até isso pra conseguir explicar, que é uma coisa que faz parte do dia-a-dia deles e do nosso corpo, é a maior dificuldade... Aí leva na brincadeira, aí você pega um como exemplo, aí o outro já fala outra coisa... Já começa a fazer as mangações. Se você chama o mais gordinho, é porque é gordinho... E se chama o magro é porque é mais magro. Aí isso já entra os xingamentos de mãe, de irmã...[[18]](#footnote-18)

Esse tipo de atividade, baseada na repetição do que é escrito no quadro ou no livro didático, já existia nas sociedades mais antigas, em meados do século XVII, quando servia como um mecanismo de controle. Em seus escritos sobre este aspecto, Foucault (2004, p. 136) afirmou que:

o ponto em apreço é o "exercício", a técnica pela qual se impõe aos corpos tarefas ao mesmo tempo repetitivas e diferentes, mas sempre graduadas. Dirigindo o comportamento para um estado terminal, o exercício permite uma perpétua caracterização do indivíduo seja em relação a esse termo, seja em relação aos outros indivíduos, seja em relação a um tipo de percurso. Assim, realiza, na forma da continuidade e da coerção, um crescimento, uma observação, uma qualificação.

Para a resolução dos problemas de indisciplina na sala de aula, os professores, recorriam e ainda recorrem à direção da escola, às vezes para se “livrarem” da situação no momento e a fim de encontrarem soluções. No entanto, nem sempre a direção consegue resolver as divergências de maneira satisfatória e os professores vêem sua autoridade ameaçada. Segundo Freller (2001, p. 139):

muitos professores, para resolver problemas de disciplina em sua classe, mandam os alunos para a diretoria. Os diretores, e/ou coordenadora pedagógica, conversam com o aluno, enviam uma advertência aos pais ou devolvem a conversar com alguém da equipe da direção, embora muito comum, é reprovada pelos diretores, que entendem que o professor deve resolver seus problemas em classe, e não sobrecarregá-los (a eles diretores) com mais trabalho.

No entanto, ao ser questionada a respeito das atitudes que a escola pode tomar para tentar amenizar as situações de indisciplina, a professora destacou que a coordenação havia executado uma punição com uma aluna indisciplinada que ela achou bastante “ interessante e educativa”. A aluna tinha cometido uma falta grave e a coordenação, com o apoio dos pais, propôs que ela prestasse serviços à escola no turno contrário ao seu horário de estudo. Esse tipo de “castigo”, segundo a professora, fez com que os alunos aprendessem a valorizar e a preservar o ambiente escolar, já que as gerações futuras também irão se apropriar dele. Porém, para que estes serviços prestados pelo aluno indisciplinado consigam alcançar os objetivos propostos pela escola, é necessário que os responsáveis legais do aluno concordem. Sobre essa medida a professora afirmou o seguinte:

é inovador, tem que haver também a compreensão dos pais, porque muitos pais vão dizer: espere aí, ela vai fazer serviço voluntário e se tiver sujo, vai varrer? Vai, principalmente se ela cometeu essas infrações, pinchar, sujar a escola, ela teria que fazer um outro momento pra ela ver que aqui é um prédio público, mas que quem usa diretamente é ela. Se ela não cuidar, se ela não valorizar, quem é que vai valorizar?[[19]](#footnote-19)

Outra medida que a professora entrevistada achou relevante para amenizar a indisciplina foi a possível mudança nos preceitos do regimento escolar, que antes não oferecia autonomia de a escola dar transferência. Através dessa mudança, os professores agora poderiam receber mais autonomia, de modo que as os estatutos (como o ECA) responsáveis pela regulamentação dos direitos e deveres da criança solucionassem as situações de indisciplina. Estes regulamentos estabelecem as maneiras pelas quais a escola deve proceder em tais situações, aplicando advertências verbais e escritas, bem como a tomada de medidas socioeducativas, como, por exemplo, a prestação de serviços à comunidade. Ou seja, a escola que não tinha a permissão de expulsar os menores infratores que há muito tempo vinha “tolerando”, com essas alterações, poderia ter mais autonomia, já que estaria assegurada pelos órgãos responsáveis por esses sujeitos, no caso de a família não solucionar seus problemas de indisciplina na escola.

Então, a mudança no regimento da escola, que ainda está sendo elaborado, que está sendo modificado... É justamente isso, é a questão da autonomia do professor. A primeira advertência que o professor der e informar a direção, isso será colocado em um relatório em sua pasta, a segunda advertência será dada, o professor passará pra escola, os pais serão convocados, o aluno assinará e os pais assinarão. A terceira uma suspensão, chegando até uma transferência, através do Conselho Tutelar. Já que a própria sociedade está jogando a própria responsabilidade pra outras vertentes da administração como Conselho Tutelar, vamos também passar pelo Conselho Tutelar, já que o Conselho Tutelar é quem coloca sem a gente querer determinados menores infratores na escola. [[20]](#footnote-20)

Ao analisar o Regimento Escolar[[21]](#footnote-21) desta instituição, constatamos que as regras de convivência instituídas pela escola consistem no estabelecimento de princípios democráticos de convívio, necessários ao desenvolvimento do processo educativo, pautados na liberdade, responsabilidade, igualdade, respeito, solidariedade e justiça. No entanto, percebemos que neste documento não constam normas “claras” que regulamentem as atitudes de indisciplinas dos alunos citados pela professora, fazendo com que os alunos desconheçam determinadas regras impostas pela escola. No Regimento constam muito mais os deveres do que os direitos pertencentes aos discentes, assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) pelo Conselho Tutelar[[22]](#footnote-22).

Além disso, foi visto neste documento, atribuído ao corpo discente o dever de conhecer e cumprir tudo o que está disposto no Regimento Escolar. Porém, acreditamos que os alunos não têm tido acesso direto a este regulamento e cumprem as regras somente por cumprir, sem conhecer o real sentido delas. Afinal se estamos vivendo a “era” da gestão democrática,[[23]](#footnote-23) em que todos os membros da comunidade escolar têm o direito de participar de tudo aquilo que se passa na escola, por que os alunos não são consultados e convidados a participar do processo de construção do Regimento Escolar?

Já que a escola em estudo se encontra em fase de reelaboração do Regimento e do Projeto Político Pedagógico, seria ideal que os discentes participassem deste procedimento, pois assim os interesses de todos os envolvidos na instituição poderiam ser atendidos. No entanto, pudemos observar que existe somente uma proposta de participação dos alunos, mas que ainda não foi efetivada. Sobre este aspecto, Paro (2001, p. 81), afirma que: “A escola deve, ainda, se configurar democrática em suas ações como agência prestadora de serviço que precisa levar em conta os interesses dos usuários, a quem ela deve servir e para os quais foi criada”. Os pais dos alunos também possuem o direito de participar, o que inclusive é garantido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente em parágrafo único: “É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico como participar da definição das propostas educacionais” (BRASIL, 2004, p. 18).

**Percepção dos alunos sobre a disciplina/indisciplina escolar e as suas histórias de vida**

Com o intuito de promover uma reflexão a respeito da disciplina/indisciplina escolar, realizamos do mesmo modo, entrevistas com os alunos destacados pela professora no que se refere à disciplina/indisciplina escolar. Por esta professora foram citados quatro alunos de boa conduta e quatro alunos de má conduta. Assim sendo, entrevistamos os referidos e a partir daí construímos breves relatos acerca de suas histórias de vida escolar, buscando entender as relações de suas vivências com a sua conduta em sala de aula. Além disso, levantamos dados no diário de classe e pasta individual de cada um deles.

Nestas entrevistas, analisamos questões sobre o que os alunos mais gostam ou não de fazer na escola, suas concepções de disciplina, como eles vêem o próprio comportamento, as atividades que os deixam mais centrados na aprendizagem, suas rotinas de estudo fora da escola, as possíveis medidas que, para eles, deveriam ser tomadas pela equipe diretiva e/ou professores com os alunos indisciplinados e a importância das regras estabelecidas na escola para a construção de um ambiente colaborativo.

Com essas entrevistas, buscamos levantar também uma relação dos fatores que poderiam implicar na postura de cada um na sala de aula, como o desempenho, frequência, idade, sexo, número de repetência e origem escolar. Assim, constatamos que os alunos entrevistados estão entre 10 (dez) e 13 (treze) anos de idade, são em maior parte do sexo masculino (seis meninos e duas meninas), sendo que nenhuma das meninas destacadas pela professora foi considerada por ela como indisciplinada. Percebemos, então, que somente um entre os oitos alunos não era repetente. Todos eles já passaram por outra escola e alegaram a saída delas por conta da distância das instituições em relação as suas casas ou porque não tinham um bom relacionamento com os professores e/ou colegas.

Quando perguntados sobre o que mais gostavam de fazer na escola, basicamente todos responderam que era estudar e brincar. Já sobre o que menos gostavam de fazer na escola, alguns relataram que não gostam do recreio, não gostam de brigar com os colegas e de fazer muitas tarefas, ao mesmo tempo também disseram que não gostam de ficar sem fazer nada.

Em relação ao entendimento de cada um sobre o conceito de disciplina, apenas dois dos oito entrevistados tentaram explicar o que compreendiam a respeito disso e os outros não souberam esclarecer a esse respeito. No entanto, quando foram indagados se se consideravam alunos disciplinados ou indisciplinados, todos expressaram como notavam o próprio comportamento, sabendo até apontar os motivos de se acharem disciplinados ou não. Para todos eles, era importante a existência de normas na escola, pois estas impõem limites nos indivíduos para que não briguem, não falem mal, não machuquem etc. Segundo os entrevistados as medidas a serem executadas pela escola para que faça com que os alunos melhorem o comportamento, devem ser: suspensão, advertência, expulsão e castigos (por exemplo: ficar sem recreio, sem ir ao banheiro, sem beber água).

Nos relatos escritos a seguir, mostraremos os dados coletados nas entrevistas dos alunos,[[24]](#footnote-24) através de breves relatos de suas histórias de vida e de vida escolar, enfatizando os aspectos concernentes ao estudo sobre a disciplina escolar, a partir da percepção que os alunos possuem acerca da disciplina/indisciplina: “para dizer de outra forma, uma sala de aula nunca é caótica, há sempre uma ordem implícita que, se visa possibilitar a ação pedagógica, traz também a marca do exercício do poder, que deve ser sofrido e introjetado pelo aluno.” (GALLO, 1999, p. 24).

**Dos considerados disciplinados na percepção da professora**

**Aluno W**

O aluno W nasceu na cidade de Aracaju-SE, possui 10 (dez) anos de idade, mora com sua mãe - dona de casa -, seu irmão mais novo e seu padrasto - motorista -, que ele considera como um pai. O que W mais gosta de fazer na escola é estudar e aprender. Através de um levantamento das suas notas, percebemos que ele tem maiores dificuldades em matemática e ciências, apesar de ter relatado que as atividades da última disciplina citada são as que ele mais gosta de fazer e que o deixam mais comportado. Este aluno tem feito as atividades escolares em casa com a ajuda de uma professora.

Ao ser indagado a respeito do que entendia ser disciplina, ele respondeu, mesmo demonstrando incerteza, da seguinte maneira: “Não... Suspensão?” Desse modo, considerou que ele era um aluno disciplinado, por ser “muito quieto".[[25]](#footnote-25) Este aluno acredita que a escola deve dar advertência e suspensão aos alunos que não tem o comportamento ideal.

W considerou também importante que existam regras na escola, pois as normas direcionam os mecanismos de punição a serem executados, sendo que a equipe diretiva tem sido o principal agente que põe os castigos em prática: “Para quando um menino bater em outro ter uma diretora pra botar suspensão... Agora se não tiver diretora, aí o menino bate e o menino ainda fica na escola”.[[26]](#footnote-26)

**Aluna C**

A aluna C tem 11 (onze) anos de idade, nasceu em Aracaju-SE e mora com sua mãe - dona de casa -, seu pai - proprietário de um posto de lavagem -, e com sua irmã. Em seu histórico escolar, constatamos que C era aluna da escola desde o ano de 2006. No entanto, vimos que C reprovou na primeira série e no quarto ano. Seu desempenho escolar pode ser considerado bom, pois não possui notas abaixo da média estabelecida. Assim, percebemos que este bom desempenho sofreu a influência do acompanhamento familiar, já que, segundo a aluna, sua mãe a auxilia nas tarefas. Para ela, as melhores tarefas são as de matemática, quando reproduz o que está sendo escrito no quadro.

Com relação ao entendimento do que seria disciplina, a aluna C respondeu que não sabia explicar, mas afirmou que se considerava uma aluna disciplinada, dizendo que: “Porque sou uma boa aluna... Estudo”. De tal maneira, constatamos nesta entrevista que ainda existe atualmente a concepção de que a disciplina se refere à questão das boas maneiras, de regras de etiqueta, conforme abordamos no capítulo anterior, quando falamos sobre a “sociedade de corte”. Para C é importante que existam normas a serem seguidas na escola pelo seguinte motivo: “Acho... Porque não tem mesa pra gente comer”. Com essa fala, entendemos que para esta aluna, as regras servem para fazer com que os alunos sejam mais “educados” até no momento em que vão comer.

**Aluna L**

Nascida em Aracaju-SE, L tem 11 (onze) anos de idade e mora com sua mãe, que tem acompanhado de perto o desempenho escolar da filha, como relatou a professora da classe na entrevista. Ao realizar o levantamento referente às notas dessa aluna, vimos que a mesma estava acima da média almejada em todas as disciplinas. L. é aluna desta escola desde 2009, já passou por várias escolas, e se encontra hoje nesta escola porque as outras são muito longe de sua casa e também, segundo ela: “era porque a professora num ensinava quase nada”.[[27]](#footnote-27)

Quando indagada sobre o que mais gostava de fazer na escola, disse que era estudar. Já sobre o que não gostava de fazer na escola, respondeu o seguinte: “Do recreio. Porque ficam atormentando e mexendo com a gente”.[[28]](#footnote-28)

Semelhante aos colegas entrevistados, L também não soube explicar o que é disciplina, mas quando indagada se ela se considerava uma aluna disciplinada ou indisciplinada, respondeu da seguinte forma: “Disciplinada. Porque eu sou comportada na aula e não, assim... Não desobedeço à professora”. Sobre a importância da existência de regras na escola ela disse que sim, eram importantes, pois para ela: “[...] Se num tiver a regra, como assim... Vão bater um nos outros e vão xingar”.[[29]](#footnote-29) Assim, ela respondeu que as medidas a serem tomadas pela escola para “castigar” os alunos indisciplinados são as seguintes: “[...] Colocar regras pra ele cumprir. O que eles fizerem.... Assim, borrar as paredes, que... Os pais ou eles mesmos limpar”.[[30]](#footnote-30)

**Aluno O**

Nasceu em Aracaju-SE e tem 11 (onze) anos de idade. Já estudou em outras escolas públicas, mas é aluno da casa desde 2008 e está cursando o quarto ano pela terceira vez. Neste ano tem demonstrado um bom desempenho escolar, estando acima da média em todas as disciplinas curriculares. O que o aluno O mais gosta de fazer na escola é estudar, sendo que não gosta de brincadeiras de “mau gosto”. Afirmou na entrevista que as atividades que faziam com que ele ficasse mais comportado eram as de matemática e que sua mãe o ajudava a fazer as tarefas de casa.

Este aluno, como os demais não soube explicar o que era disciplina, mas quando foi perguntado se ele se considerava um aluno disciplinado ou indisciplinado, respondeu: “Disciplinado. Porque agora eu tô me esforçando pra poder estudar”.[[31]](#footnote-31) Nesta resposta, podemos perceber que ele se via um aluno disciplinado devido ao fato de estar alcançando boas notas, já que havia repetido de série em anos anteriores. Assim como os outros colegas entrevistados, para ele também é importante que sejam estabelecidas algumas normas para os alunos seguirem, pois elas servem: “Pra poder melhorar as coisas ruins que muitos fazem... As brigas, as brincadeiras de mau gosto”. Segundo ele, o que a escola devia fazer para que os alunos melhorem o comportamento é: “Ficar sem recreio, sem beber água, sem ir ao banheiro e num canto isolado”. Ele já apreendeu os castigos impostos pela escola para os atos de indisciplina, considerando-os normais e necessários.

**Dos considerados indisciplinados pela professora**

**Aluno F**

O aluno F tem 11 anos de idade e nasceu em uma cidade do interior do Estado de Sergipe. Este aluno, desde pequeno, enfrentou situações de conflito no que se refere a sua origem familiar. Assim, ao fazer um levantamento da sua ficha individual, constatamos que ao nascer, com apenas quatro meses de vida, foi entregue para a adoção em orfanato do interior sergipano, por sua mãe e sua avó biológica, onde permaneceu durante 11 (onze) meses. Segundo documento do juizado,[[32]](#footnote-32) como seus familiares biológicos não demonstraram interesse em criá-lo, um casal, hoje seus pais adotivos, se interessou em cuidar de F e foi até a justiça, a fim de iniciar o processo de adoção e conseguir a guarda total da criança. Atualmente, seu pai adotivo é caminhoneiro e sua mãe dona de casa.

Com apenas 3 (três) anos de idade, F ingressou no ensino regular. Assim, no decorrer de sua trajetória escolar, este aluno reprovou no segundo e no quarto ano do ensino fundamental. É aluno da escola há dois anos e tem freqüência regular. No entanto, ao fazer um levantamento das suas notas, constatamos que com relação ao seu desempenho escolar, este possui maiores dificuldades nas matérias de matemática e ciências. Porém, através da entrevista feita com ele, verificamos que dentre as atividades que ele mais gosta de fazer estão as de matemática e português, como fazer contas e cópias no caderno. O aluno F nos contou ainda que o que mais gosta de fazer na escola é estudar, fazer os deveres e brincar. Além disso, ele é auxiliado por uma professora de um reforço escolar nas atividades passadas para serem feitas em casa. Isto contrariou a fala da professora quando afirmou, na entrevista, de modo generalizado que os alunos vistos por ela como indisciplinados não possuíam assistência familiar.

Assim como a maioria dos alunos não soube explicar o que era indisciplina escolar, este também não foi diferente. Entretanto, ao ser perguntado se ele podia considerar-se um aluno disciplinado ou indisciplinado, contrariou a concepção de disciplina da professora, que o destacou como um aluno indisciplinado, ao afirmar que se considerava “Disciplinado? Porque eu faço os dever, eu faço os dever de sala”. Segundo este aluno, o motivo de ter saído de outra escola foi porque a professora achava que ele fazia raiva a ela, além de brigar com os colegas. Para o aluno F., as situações de indisciplina escolar, devem ser resolvidas através de medidas como deixar de castigo, dar advertência e expulsar.

**Aluno E**

O aluno E nasceu na cidade de Aracaju-SE, estuda na escola há dois anos e tem 13 (treze) anos de idade. O que mais gosta de fazer na escola é estudar e brincar e não gosta de brigar com os seus colegas. Seus pais são separados e ele mora com sua mãe e seus irmãos em uma casa que fica próxima à escola. Em entrevista realizada com a professora da classe constatamos que E. está inserido em um contexto familiar cheio de conflitos, pois sua mãe trabalha como diarista em casa de família e nem sempre está presente. Para agravar a situação ela possui um companheiro quase na idade de um dos seus filhos e o colocou para morar em sua casa. Além disso, um dos irmãos deste aluno é usuário de drogas e envolvido em atos infracionais de roubo. Porém, um outro irmão, apesar desses conflitos familiares, estuda e trabalha, o que problematiza a explicação da professora em relação à questão disciplinar tomando como base apenas o contexto familiar.

Verificamos em sua pasta individual que o aluno cursou o projeto governamental “Se Liga”,[[33]](#footnote-33) em que foi promovido para a segunda série do ensino fundamental e que possui uma ficha de acompanhamento comportamental feita pela direção da escola, na qual foi possível verificar que este aluno foi advertido no ano anterior por bater nos colegas. Ao ser indagado na entrevista sobre os motivos que o teriam levado a mudar de escola, ele afirmou que: “Eu gazeei tanta da aula! Vixe, meu Deus do céu... Foi acho que trinta dias sem aula só. Chegava na frente da escola e pegava a bolsa pra dá rolé... Rolé... Rolé... chegava em casa, madeira. Tá... Era madeira virado em um jegue... Todo o dia, todo o dia”.[[34]](#footnote-34)

Verificamos também que o aluno E. alcançou a média estabelecida apenas na disciplina de história. Nas demais, português, matemática, geografia e ciências o aluno se encontrava abaixo da média, tendo o seu desempenho escolar comprometido, mesmo sendo um aluno de freqüência regular. Ele não tinha um acompanhamento de alguém responsável para auxiliá-lo nas tarefas de casa, pois segundo ele mesmo, já tinha muitas atividades que estão sem fazer.

Ao ser perguntado sobre quais atividades ele mais gostava de fazer e que o deixavam mais comportado em sala de aula, ele respondeu: “Rapaz, pra mim eu acho que é português... Português e ciências, eu acho. Rapaz, eu desenho... Português eu faço qualquer coisa”.[[35]](#footnote-35)

Quando perguntado se ele sabia comentar o que era disciplina, não soube explicar, mas respondeu que se considerava um aluno disciplinado em poucas palavras, ele disse que: “Mais ou menos (risos)... tá, porque eu só fico conversando na sala. No recreio jogo bola, brigo... tá... Apronto que só, meu Deus do céu (risos)”.[[36]](#footnote-36) A fala deste aluno refletia o que foi dito pela professora sobre a conduta dos alunos considerados indisciplinados: uso de xingamentos, invasão no espaço do outro, intromissão e falta de respeito com os próprios colegas. Ainda assim, relatou que acha importante a existência de regras a serem seguidas na escola, pois estas podiam viabilizar o respeito de uns para com os outros, mas ao mesmo tempo disse que não sabia o que a escola poderia fazer para eliminar ou pelo menos amenizar a indisciplina dos alunos.

**Aluno A**

Nascido na cidade de Aracaju-SE e filho de pais separados, o aluno A tem 11 (onze) anos de idade e convive com seu pai, sua madrasta e sua irmã. O aluno é acompanhado por uma professora de reforço escolar a fim de ter o devido suporte e auxílio nas atividades escolares.

Ao ser entrevistado, o aluno A relatou que o que mais gosta de fazer na escola é brincar, correr e jogar bola, mas não gosta de fazer as atividades, pois as acha cansativas. Encontra-se estudando na escola desde 2009 e reprovou neste mesmo ano na terceira série do ensino fundamental, denominada agora de quarto ano das séries iniciais. Este aluno já passou por outras escolas públicas e ao ser perguntado sobre os motivos que o levaram a passar por essas mudanças, ele respondeu: “Porque lá todo mundo me batia. Era ruim lá... Até a diretora me batia de palmatória. Porque um dia os meninos vieram em cima de mim, aí eu rumei uma pedra, aí coisa a cabeça do menino assim... Aí ela me bateu, minha mãe deixou”.[[37]](#footnote-37)

Apesar das mudanças ocorridas nos castigos aplicados pela escola em séculos passados, que deixaram de ser físicos e passaram a ser de cunho emocional, notamos no depoimento do aluno A que o mesmo ainda sofreu castigos que para os dias de hoje não são considerados eficazes. As punições aplicadas em dias mais recentes, conforme analisou Foucault (2004), têm o objetivo de penetrarem muito mais no interior do seres humanos do que em seu próprio corpo, como era feito nas sociedades antigas. Sobre isto, Barros (2005, p. 27) afirmou que:

a idéia de suavização das penas corporais não significa que o corpo tenha deixado de estar envolvido no processo punitivo, o que Foucault defende é que existe, nas sociedades modernas, uma nova *"economia política do corpo"* em que as penas, procurando agir sobre a alma, acabam por atingir o corpo na medida em que, sendo este uma força de trabalho, está investido por relações de poder e dominação - um corpo só é útil quando é produtivo e submisso. Esta premissa remete-nos para a necessidade de compreender os mecanismos de submissão, podendo esta ser obtida por instrumentos violentos ou ideológicos; podendo ser directa e física mas não violenta; mas que também pode ser calculada, organizada, subtil, não recorrer a armas e, no entanto, continuar de ordem física.

O aluno A relatou na entrevista que acha importante que existam regras a serem seguidas na escola, pois para ele, as regras impõem a proibição de brigas: “Não pra brigar, não pra bater, machucar...”. No entanto, consideramos que ele fez esse relato por já ter sofrido agressões físicas em outra escola, não só por parte de colegas, mas também da equipe diretiva, conforme já foi exposto.

Ao analisar o seu desempenho escolar, verificamos que o mesmo possuía freqüência regular e está abaixo da média estabelecida apenas em história e geografia, tendo o seu melhor desempenho em português, fato que pôde ser constatado na entrevista quando ele respondeu que a atividade que ele faz em sala de aula que o deixa mais comportado são as atividades de português, especificamente a cópia.

Em relação à concepção de disciplina escolar, ele replicou na entrevista que não sabia o conceito deste tema, mas ao ser perguntado o motivo de se considerar um aluno disciplinado ou não, afirmou o seguinte: “Mal comportado... Mais ou menos. Converso, encrenco na sala com os meninos... Jogo giz nos meninos... só”. Sobre as medidas que a escola deveria acatar para solucionar os problemas que os alunos mal comportados causam A assegurou que: “O melhor... Suspensão, advertência... Só”.[[38]](#footnote-38)

**Aluno M**

O aluno M tem 11 (onze) anos de idade, nasceu em Aracaju-SE, mora em uma área próxima a escola, com sua mãe – auxiliar de serviços gerais -, e seu pai - vendedor de lanches -, que o ajuda a fazer as tarefas. Este aluno estuda nesta escola desde o ano de 2007, sendo repetente da série a qual está inserido desde o ano de 2008. Antes de ingressar nesta instituição, M estudava em uma escola da rede particular de ensino, mas saiu devido ao aumento da mensalidade. Neste ano, então, foi constatado que ele apresentou um bom desempenho em todas as matérias curriculares. Contudo, ao ser entrevistado afirmou que as atividades que ele menos gosta de executar são as de matemática, conforme disse: “É... De... Como é... Dever de matemática. Eu num se dou muito em conta não”.

Diferente da grande parte dos alunos que foram entrevistados, M tentou explicar o seu conceito de disciplina, afirmando o seguinte: “É quando a pessoa... Se comporta e... Às vezes não se comporta...”. Desse modo, quando perguntado se ele se considerava um aluno disciplinado ou indisciplinado, demonstrou coerência com a sua concepção de disciplina, ao responder que: “Mais ou menos (risos). Às vezes eu sou teimoso. Brigo... converso na hora do dever”. Para este aluno, é importante sim que existam normas a serem seguidas no ambiente escolar, porque “Fica melhor... Que... não molha o banheiro assim... Com regra”.[[39]](#footnote-39)

Ao ser indagado sobre as atitudes que a escola deve efetuar quando os alunos não se comportam bem, o aluno M afirmou que a escola deve dar suspensão a estes alunos que não possuem uma boa conduta. Segundo ele: “Dar suspensão... Expulsão neh? É... Como é... Um bilhetinho pra os pais. E às vezes, só dar castigo... Deixar lá embaixo sentado”. No entanto, percebemos que este e os demais alunos considerados indisciplinados não reproduzem as regras que são estabelecidas pela escola.

Apoiando-nos no conceito de disciplina de Foucault, ao levantar as percepções da professora da turma e dos alunos classificados por ela como mais e menos disciplinados, pudemos compreender, com apoio de alguns documentos (diários de classe, fichas individuais dos alunos e observações em sala de aula) que as situações de disciplinas/indisciplinas provocadas e compreendidas pelos alunos fazem parte do universo cultural da escola em que os desvios (conversar com o colega, não ouvir a explicação, não cumprir as tarefas na escola e em casa, gritar, brigar etc..) foram se construindo sem que estivesse documentado como formas de condutas adequadas/inadequadas para o bom/mau funcionamento da escola.

As histórias de vida e escolar dos alunos sejam eles considerados disciplinados ou indisciplinados nem sempre estão relacionadas ao bom desempenho escolar, considerando-se a avaliação contida nos diários de classe, como também não estão basicamente pautadas na ausência de assistência familiar.

**Considerações Finais**

Após a efetivação deste estudo, atentamos em trazer as referidas respostas aos questionamentos anteriormente explanados, com o intuito de compreender a relevância desta temática frente ao aprendizado dos alunos, buscando descobrir de que maneira os alunos e a professora da turma observada vêem a disciplina/indisciplina escolar.

Assim, buscamos analisar o conceito de disciplina vigente tanto em séculos passados quanto nos dias presentes, com base nos escritos de Foucault (2004). Desse modo, percebemos que tal conceito não sofreu grandes modificações ao longo do tempo, pois, nos dias de hoje como vimos neste estudo, ainda existe a concepção de que a disciplina é um mecanismo que serve para fazer com que os homens sejam seres submissos e que viabiliza a utilização de instrumentos que os controlem e os punam. Até os dias atuais, percebemos que ainda existe a crença de que quanto mais os sujeitos são seres controláveis, mais fácil será de se adequarem a um determinado modelo de homem que a sociedade almeja.

A escola, então, para alcançar seus fins necessita também da efetivação dos princípios de disciplina. Para a professora entrevistada, na vida é preciso que haja limites, leis e regras a serem seguidas. Por isso destacou os alunos disciplinados como sujeitos aptos a obedecerem tudo aquilo que lhes é imposto, pois influenciados pela convivência familiar os mesmos estavam aptos a reproduzir uma boa conduta dentro da sala de aula. Contudo, vimos que a professora da classe ainda utilizava métodos de punição da sociedade tradicional que não se mostraram tão eficazes em eliminar totalmente a indisciplina escolar. Porém, vale ressaltar que esta professora se mostrou bastante inteirada da vida familiar dos seus alunos, o que consideramos um fato de extrema relevância, pois isto às vezes levava a professora a compreender e relevar certas posturas dos seus alunos em sala de aula.

No entanto, a partir desse estudo, constatamos que para que os objetivos da escola sejam alcançados, faz-se necessário atravessar barreiras impostas por outros fatores externos a ela, mas que ao mesmo tempo possuem grande ligação. Isto é, para a escola a família está diretamente ligada no processo de formação dos indivíduos, fazendo com que haja um conflito entre essas duas instituições sociais: a família e a escola. Isto é, a família muitas vezes acredita que as crianças não possuem uma boa conduta porque a escola não oferece preceitos educativos como se deve e ao mesmo tempo a escola aponta que os alunos são indisciplinados devido à ausência de instruções de uma boa educação que não são dadas dentro do próprio lar.

De que maneira, então, a escola poderia suprir as necessidades que as crianças têm de possuírem uma boa conduta se a família não contribui como deveria? Esta pergunta não é fácil de ser respondida, pois, tais instituições possuem carências que ainda não foram e possivelmente não serão superadas no tempo em que se espera. Acreditamos, porém, que seria necessário que houvesse um trabalho conjunto entre a família e a escola, a fim de que fossem atendidas a necessidades que as mesmas possuem. Destacamos este aspecto, pois acreditamos que através da realização deste estudo, o contexto familiar foi visto pela professora como primordial para a boa conduta dos alunos.

Entretanto, devemos levar em conta que a turma analisada se constitui de alunos que em sua maioria são repetentes, sendo que todos os considerados indisciplinados estão inseridos nessa totalidade. Tal fator pode ter contribuído para que esses alunos apresentassem comportamentos indesejados, sem nos esquecermos do contexto familiar no qual estão ligados, conforme já expomos. Porém, apesar desses alunos terem sido vistos como indisciplinados devido à falta de acompanhamento familiar, constatamos que mesmo assim alguns deles possuíam apoio da família de alguma maneira. Isto implica que havia uma preocupação da família com a escolarização dos alunos, pois a maioria deles frequentam aulas de reforço escolar.

Partindo desse ponto, consideramos que apesar de todos os alunos entrevistados possuírem frequência regular na escola, vimos que este fato não era um fator que poderia definir o seu desempenho escolar. Os alunos apontados como indisciplinados possuem dificuldades em algumas disciplinas curriculares, o que nos fez acreditar que as suas condutas podem ter contribuído para a eficácia/ineficácia da aprendizagem de cada um deles.

Como resposta a nossa questão de pesquisa, consideramos que a professora e os alunos expressaram suas percepções a respeito do problema da disciplina/indisciplina na escola, demonstrando que muito do que se espera da conduta dos alunos tem elementos construídos culturalmente na escola do que propriamente dispostas nas normas e regras estabelecidas e documentadas. A professora expressou sua percepção acerca da conduta dos alunos, como produtos do ambiente familiar em que viviam, descomprometendo-se em parte, enquanto responsável pela escola, em assumir, questionar ou indagar como seu trabalho pedagógico estava sendo realizado e em que medida isto favorecia ou não a conduta dos alunos na sala de aula.

Os alunos por sua vez, demonstravam uma boa compreensão do que se esperava deles na escola em termos de comportamentos e de como se enquadravam (os mais bem comportados) e não se enquadravam (os indisciplinados) no jogo das permissões e proibições que a escola assumia, defendendo e punindo aqueles que não se enquadravam. Isto pôde ser evidenciado quando ao serem perguntados sobre o que a escola deveria fazer com os alunos que não se enquadrassem aos preceitos da boa convivência, deveriam ser punidos com advertências, suspensões, etc.

Por fim, por meio deste estudo, confiamos que a disciplina/indisciplina tem sido um aspecto necessário para a construção de um ambiente escolar colaborativo, de modo que cada um deve ter seus limites respeitados, levando em consideração que é fundamental que todos os integrantes da comunidade escolar tenham o direito de participar do processo de construção das normas a serem obedecidas na escola.

**REFERÊNCIAS**

ANDRÉ, Marli. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 1999.

ARIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª edição. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.

BARROS, Maria da Conceição Rodrigues Leite e. **Castigo de dura, uma no cravo outra na ferradura:** A teoria e a prática da disciplina na escola primária fins do século XIX e princípios do século XX. Porto, 2005. Disponível em:« [http://repositorio-aberto.up.pt»](http://repositorio-aberto.up.pt). Acesso em: 10 de novembro de 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília: MEC, 2004.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia.** São Paulo: Unesp, 1999.

ELIAS, Nobert. **A Sociedade Dos Indivíduos.** 1ª edição. Brasília: Jorge Zahar, 1994.

FISCHER, Beatriz T. Daut. Foucault e histórias de vida aproximações e que tais. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **A Aventura (Auto) Biográfica:** Teoria & Empiria. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** Nascimento da prisão. 29ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRELLER, Cintia Copit. **Histórias de Indisciplina Escolar:** O trabalho de um psicólogo numa perspectiva Winnicottiana. 1ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GALLO, Sílvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da Escola.** Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D.A. **Pesquisa em Educação:** Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARDONES, Simone Damm Zogaib. **Quando eu mando, você não obedece:** um estudo sobre regras de conduta, autoridade docente e disciplina. São Cristóvão, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** Como fazer pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

PARO, Vitor Henrique. **Escritos sobre educação.** São Paulo: Xamã, 2001.

PETERS, Michael A, BESLEY, Tina. **Por que Foucault?** Novas Diretrizes Para a Pesquisa Educacional. Porto Alegre: Artmed,2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Sujeito Da Educação:** Estudos Foucaultianos. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 2002.

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

AQUINO, Júlio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente.** Cad.CEDES vol.19 n.47 Campinas Dec. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br> ». Acesso em: 01 de novembro de 2010.

GARCIA, Joe. **Representações dos professores sobre indisciplina escolar.** Disponível em: « <http://cascavel.ufsm.br/revistas> ». Acesso em: 24 de outubro de 2010.

SEDUC. **Se Liga e Acelera Brasil.** Disponível em: «[http://www.seduc.to.gov.br/index.php?option=com\_content&task=view&id=71»](http://www.seduc.to.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=71) Acesso em 06/12/2010.

**ANEXOS**

**ANEXO A – ENTREVISTA REALIZADA COM A PROFESSORA ESCOLHIDA PARA O ESTUDO DE CASO.**

Sexo: F ( X ) M ( )

Tempo de Docência: 24 anos.

**Entrevistadora:** Quais as principais dificuldades que você enfrenta em sala de aula?

**Professora:** A falta de tarefas, uma das principais... A falta de tarefas de casa, que não são respondidas, não são acompanhadas, não vem respondidas e... A questão de xingamentos, agressões, é... Tanto físicas e verbais. Da mínima coisa possível, de um olhar diferente, de um sorriso diferente, acha que é deboche, os apelidos... São as causas maiores.

**Entrevistadora:** O que você entende por indisciplina escolar?

**Professora:** Veja, tudo na vida da gente têm limites, leis, têm regras. É justamente essas regras, esses limites que não são obedecidos. Pra mim, indisciplina é isso, tudo que você extrapole, aquilo que lhe é permitido e invade o espaço do outro, pra mim é indisciplina.

**Entrevistadora:** Quais são os quatro alunos da sua turma que você considera mais indisciplinados? Descreva quais são as atitudes que eles praticam em sala de aula que os levam a serem considerados indisciplinados.

**Professora:** Olhe, os mais indisciplinados é A, M, E e F. Primeiro... As atitudes são os xingamentos, é... Invadir o espaço do outro, respeitar o espaço do outro, esse espaço numa atividade feita, numa resposta... Numa intromissão de outro problema que está acontecendo com outro colega, e... A questão o que é que leva isso... A falta de controle familiar... Um desajuste familiar na vida desses alunos, e que repercute de forma acentuada que é o que eles convivem em casa. Então eles tentam, eles reproduzem o que eles vivem em casa na sala de aula... Com o professor, com os próprios colegas... Até com eles mesmos.

**Entrevistadora:** Quais são os quatro alunos da sua turma que você considera mais disciplinados? Por quê?

**Professora:** L, C, W e O. Uma das coisas que eu observei, é... Os quatro acima citados tanto pai como a mãe às vezes trabalham fora. Os pais geralmente todos e as mães... E a mãe de A e de F esporadicamente, elas trabalham. Elas fazem serviços é... De domésticas, fazem faxina. Então, é... Precisam de um acompanhamento, de um acompanhamento maior... Então a falta desse acompanhamento repercute diretamente na sala de aula. É o contrário desses mais disciplinados, tanto L, como C, como W e O, eles convivem o dia todo com a mãe. Então, as atividades... Eles têm o horário... É o horário de brincar, eles têm o horário de ficar dentro de casa, os horários... É realmente uma criança que têm um acompanhamento familiar... Que é o diálogo, eles são, é... Responsáveis, eles são educados... Educados no sentido de que? De ouvir, do falar, dos modos de tratar o outro, então, isso tudo é o que? Um reflexo da família, do que vê em casa.

**Entrevistadora:** Na sua concepção, quais seriam as possíveis causas que levam os alunos citados na pergunta número dois a serem indisciplinados?

**Professora:** É o reforço familiar. Se eles não tem é... Pronto, eu vou citar E, o aluno E. A mãe trabalha como doméstica, têm dois exemplos dentro de casa... Um exemplo bom e um exemplo ruim. O exemplo bom é o que o irmão mais velho trabalha, estuda, seguiu realmente uma visão do que se deseja de um filho. E o outro infelizmente entrou no meio das drogas, do roubo... Então ele tem esses dois exemplos em casa. E por outro lado, o pouco tempo que a mãe tem que convive dentro de casa, porque ela trabalha... Ela é aluna também aqui da noite, então o pouco tempo que ela tem ela dedica também esse tempo a um novo companheiro, um novo relacionamento dela e que, inclusive... O novo relacionamento dela tem quase a mesma idade do filho... Não do filho menor que estuda aqui, mas do mais velho, têm 22... 25 anos mais ou menos. Quer dizer, eles não têm um respeito, não têm a presença de um homem, que possa dar um exemplo a eles... Ele tem alguém da mesma idade que sabe que é companheiro da mãe e que não foram orientados nem consultados se deveriam se apoiariam ou não. Foi colocado e acabou. E outra coisa também é... O que é que ela passa? Ela é pagodeira. Então ele passa o dia, a manhã toda da aula batendo, cantando na sala de aula. É reflexo do que ele vive em casa... se o tempo que a mãe têm é pra ir pro pagode, é ir dançar e que também arrasta-os, leva-os também... é o exemplo que ele têm. Então, tudo... Essas dificuldades por mais que a escola tente é... Corrigir que a gente não corrige... Tente mudar ou mostrar a diferença é muito difícil. É como se fosse uma formiguinha carregando um grão. Eles só... As formigas só conseguem encher a sua casa de comida porque elas fazem um trabalho conjunto. Se a escola tenta fazer o professor, a comunidade escolar tenta fazer, mas em casa eles não têm isso... Então o nosso papel fica desvalorizado, porque ele vai continuar agindo da forma que ele tem o convívio maior, em casa. Outro exemplo básico dele: ele sai da escola, ele não vai direto pra casa. Ele roda as ruas todinhas, as imediações, lan house e tudo mais... pra depois ele chegar em casa. Quando ele chega em casa ele não têm horário nem pra comer, nem pra trocar a farda, quer dizer... São os princípio básicos... Quer dizer você chegou da escola, toma-se um banho, tira a sua farda, se tiver suja, lava. Vai almoçar, faz uma atividade, dorme um pouco pra descansar, repor as energias. Vai brincar, vai conversar... Eles não têm esses limites, ele não tem uma regra a seguir, ele age de acordo com o que ele quer e acabou. Já é independente.

**Entrevistadora:** Que tipos de atividades praticadas em sala de aula você considera que leva os alunos a serem indisciplinados?

**Professora:** É... Na questão de leitura. Ou é criticando o colega, ou é fazendo zombaria, ou é querendo ler pelo colega, principalmente os que têm mais dificuldades, que realmente ainda não têm o controle sobre a leitura. Porque o aprendizado se agente analisar, nas séries iniciais tudo gera ao redor da leitura, da interpretação. Não só da leitura, mas você interpretar um problema de matemática tem que ser interpretado, uma questão pra você responder de matemática tem que ser interpretado, de história, de geografia. Primeiro você tem que entender, organizar seu raciocínio pra depois você responder. Então geralmente, o que eu mais sinto dificuldade pra trabalhar com eles é na questão, no momento que eu peço pra ler porque como é que eu cobro a leitura? Através de qualquer disciplina... se for de ciências e eu for usar o livro, eu peço uma leitura ou individual pra que o outro possa acompanhar a leitura que está sendo feita. E daquele ponto de partida onde o aluno começou, finalizou aí que eu passo a explicação. Então, o que eu sinto mais dificuldade é nesse horário, apesar de que na hora que estão escrevendo... Se deixar também, eles não têm uma certa concentração. Eu gostaria até de descobrir algumas atividades que eu já tenho procurado é... De concentração pra ver se eles se habituam a dizer: agora é à hora da leitura, eu vou me concentrar na leitura, e procurar se concentrar em cada atividade que eles têm que fazer.

**Entrevistadora:** E você acha que eles ficam mais comportados fazendo o que?

**Professora:** Escrevendo, repetição de algum texto. O conteúdo que você vai dar, aplicar é... O corpo humano que eu estou trabalhando. Eu fui falar sobre o aparelho digestivo, aí primeiro agora eu to usando a tática. Primeiro eu explico, porque se eu for esperar o último copiar eu não consigo explicar, porque têm dois alunos que são muito lentos na forma de reproduzir o texto né? De copiar o texto, então, o que é que faço?Primeiro eu explico o assunto, aí vou colher as informações que eles já têm conhecimento, como por exemplo, a divisão do tronco, que é divido em tórax e abdômen, são os órgãos que ficam direcionados no tron... No tórax, quais são os órgãos que ficam direcionados no abdômen? Quer dizer, até isso pra conseguir explicar, que é uma coisa que faz parte do dia-a-dia deles e do nosso corpo, é a maior dificuldade... Aí leva na brincadeira, aí você pega um como exemplo, aí o outro já fala outra coisa... Já começa a fazer as mangações. Se você chama o mais gordinho, é porque é gordinho... E se chama o magro é porque é mais magro. Aí isso já entra os xingamentos de mãe, de irmã...

**Entrevista:** Em sua opinião, que atitudes a escola pode tomar para tentar amenizar as situações de indisciplina dos alunos?

**Professora:** Ói, uma medida que a coordenação tomou e que eu achei muito válida, que foi bem eficaz, foi uma medida educativa através de serviço voluntário no turno contrário. É... Uma aluna do turno da tarde cometeu uma falta grave e o que foi que elas fizeram... Elas chamaram os pais e em comum acordo com os pais disseram que no turno durante uma quantidade de dias, ela viria trabalhar, prestar serviços na escola, um determinado horário também, de tempo... De horas no turno da manhã e pra que ela vivenciasse como seria cuidar de outros colegas. Aí amadureceu a idéia porque ela disse de como é ruim tá no lugar da direção, tá no lugar do professor. Então, essa foi uma das medidas bem interessantes e que elas vão continuar sendo tomadas pela direção. É inovador, tem que haver também a compreensão dos pais, porque muitos pais vão dizer: pere aí, ela vai fazer serviço voluntário e se tiver sujo, vai varrer? Vai, principalmente se ela cometeu essas infrações, pinchar, sujar a escola, ela teria que fazer outro momento pra ela ver que aqui é um prédio público, mas que quem usa diretamente é ela. Se ela não cuidar, se ela não valorizar, quem é que vai valorizar? As próprias gerações dela no futuro, filhos, netos... Podem utilizar esta escola. Então, se ela não cuidar hoje, daqui a cinco anos, como é que vai estar? Depedrado o prédio. Quem é que gosta de estudar e trabalhar em um lugar feio? Sem pintura, pinchado... Ninguém gosta. Amadurecendo... Foi uma das atitudes que a direção tomou e que eu achei boa. E a segunda foi à mudança no nosso regimento, que a escola não tinha autonomia pra poder nem dar transferência e, quando se chamava os pais não surtia efeito... Porque se o aluno reproduz o tratamento que ele vê em casa. Se ele é xingado de determinados nomes, ele vai xingar aqui também na escola porque é isso que ele enfrenta dentro de casa. Então, a mudança no regimento da escola, que ainda está sendo elaborado, que está sendo modificado... É justamente isso, é a questão da autonomia do professor. A primeira advertência que o professor der e informar a direção, isso será colocado em um relatório em sua pasta, a segunda advertência será dada, o professor passará pra escola, os pais serão convocados, o aluno assinará e os pais assinarão. A terceira uma suspensão, chegando até uma transferência, através do Conselho Tutelar. Já que a própria sociedade está jogando a própria responsabilidade pra outras vertentes da administração como Conselho Tutelar, vamos também passar pelo Conselho Tutelar, já que o Conselho Tutelar é quem coloca sem a gente querer determinados menores infratores na escola.

**ANEXO B – ENTREVISTAS COM OS ALUNOS SELECIONADOS PARA O ESTUDO DE CASO.**

Aluno (a): W Sexo: F ( ) M ( X )

Idade: 10 anos

**Entrevistadora:** O que você mais gosta de fazer na escola?

**W:** Estudar, estudar... Aprender.

**Entrevistadora:** O que você menos gosta de fazer na escola?

**W:** Nada.

**Entrevistadora:** Você sabe o que é disciplina? Se souber, explique.

**W:** Não... Suspensão?

**Entrevistadora:** Você se considera um aluno (a) disciplinado ou indisciplinado? Por quê?

**W:** Disciplinado. Porque eu sou muito quieto (risos).

**Entrevistadora:** Quais são as atividades que você faz em sala de aula que te deixam mais comportado?

**W:** Ciências... Também quando eu faço desenho, fico mais aliviado... Porque desenha, pinta.

**Entrevistadora:** Você acha importante que existam regras a serem seguidas na escola? Por quê?

**W:** Sim. Para quando um menino bater em outro ter uma diretora pra botar suspensão.... Agora se não tiver diretora, aí o menino bate e o menino ainda fica na escola.

**Entrevistadora:** O que você faz ao chegar em casa?

**W:** Tomo banho e almoço e vou pra banca.

**Entrevistadora:** Como você faz as tarefas de casa? Alguém te ajuda ou você faz sozinho?

**W:** Alguém me ajuda, a professora da banca... Ela vem pra minha casa.

**Entrevistadora:** O que você acha que a escola deve fazer com os alunos que são indisciplinados?

**W:** É... Levar suspensão, advertência. Só isso.

**Entrevistadora:** Você já estudou em outra escola? Por que saiu?

**W:** Sim, porque eu vim morar no 18, aí eu se mudei... Porque eu morava lá no bairro industrial... Pra num ficar indo pra lá...

Aluno (a): C Sexo: F ( X ) M ( )

Idade: 11 anos

**Entrevistadora:** O que você mais gosta de fazer na escola?

**C:** Estudar, gosto dos amigos...

**Entrevistadora:** O que você menos gosta de fazer na escola?

**C:** Ir pro recreio, não gosto.

**Entrevistadora:** Você sabe o que é disciplina? Se souber, explique.

**C:** Não sei... Nada.

**Entrevistadora:** Você se considera um aluno (a) disciplinado ou indisciplinado? Por quê?

**C:** Disciplinado. Porque sou uma boa aluna... Estudo.

**Entrevistadora:** Quais são as atividades que você faz em sala de aula que te deixam mais comportado?

**C:** Matemática, copiando no quadro.

**Entrevistadora:** Você acha importante que existam regras a serem seguidas na escola? Por quê?

**C:** Acho... Porque não tem mesa pra gente comer.

**Entrevistadora:** O que você faz ao chegar em casa?

**C:** Eu? Tomo banho, almoço e depois eu vou dormir.

**Entrevistadora:** Como você faz as tarefas de casa? Alguém te ajuda ou você faz sozinho?

**C:** Sim, minha mãe.

**Entrevistadora:** O que você acha que a escola deve fazer com os alunos que são indisciplinados?

**C:** Chamar os pais e dar suspensão.

**Entrevistadora:** Você já estudou em outra escola? Por que saiu?

**C:** Já. Porque a escola mandou eu vim pra cá.

Aluno (a): O Sexo: F ( ) M ( X )

Idade: 11 anos.

**Entrevistadora:** O que você mais gosta de fazer na escola?

**O:** Estudar.

**Entrevistadora:** O que você menos gosta de fazer na escola?

**O:** Brincadeiras de mau gosto.

**Entrevistadora:** Você sabe o que é disciplina? Se souber, explique.

**O:** Não.

**Entrevistadora:** Você se considera um aluno (a) disciplinado ou indisciplinado? Por quê?

**O:** Disciplinado. Porque eu agora to me esforçando pra poder estudar.

**Entrevistadora:** Quais são as atividades que você faz em sala de aula que te deixam mais comportado?

**O:** O dever de matemática... Que tem o valor do quadrado.

**Entrevistadora:** Você acha importante que existam regras a serem seguidas na escola? Por quê?

**O:** Sim. Pra poder melhorar as coisas ruins que muitos fazem... As brigas, as brincadeiras de mau gosto

**Entrevistadora:** O que você faz ao chegar em casa?

**O:** Faço minhas tarefas de casa e depois brinco.

**Entrevistadora:** Como você faz as tarefas de casa? Alguém te ajuda ou você faz sozinho?

**O:** Minha mãe.

**Entrevistadora:** O que você acha que a escola deve fazer com os alunos que são indisciplinados?

**O:** Ficar sem recreio, sem beber água, sem ir ao banheiro e num canto isolado.

**Entrevistadora:** Você já estudou em outra escola? Por que saiu?

**O:** Já. Porque era longe.

Aluno (a): L Sexo: F ( X ) M ( )

Idade: 11 anos

**Entrevistadora:** O que você mais gosta de fazer na escola?

**L:** Estudar.

**Entrevistadora:** O que você menos gosta de fazer na escola?

**L:** Do recreio. Porque ficam... Atormentando e mexendo com a gente.

**Entrevistadora:** Você sabe o que é disciplina? Se souber, explique.

**L:** Não.

**Entrevistadora:** Você se considera um aluno (a) disciplinado ou indisciplinado? Por quê?

**L:** Disciplinada. Porque eu sou comportada na aula e não, assim... Não desobedeço a professora.

**Entrevistadora:** Quais são as atividades que você faz em sala de aula que te deixam mais comportado?

**L:** É... Na hora do desenho e na hora que é aula de física porque a gente vai... E brincar na sala.

**Entrevistadora:** Você acha importante que existam regras a serem seguidas na escola? Por quê?

**L:** Sim. Porque assim... Se num tiver a regra, como assim... Vão bater um nos outros e vão xingar.

**Entrevistadora:** O que você faz ao chegar em casa?

**L:** Eu? Vou ajudar minha mãe e... Depois que eu ajudo minha mãe vou me arrumar pra ir pra banca.

**Entrevistadora:** Como você faz as tarefas de casa? Alguém te ajuda ou você faz sozinho?

**L:** Vou pra banca todo dia.

**Entrevistadora:** O que você acha que a escola deve fazer com os alunos que são indisciplinados?

**L:** Ajudar eles assim... Colocar regras pra ele cumprir. O que eles fizerem.... Assim, borrar as paredes, que... Os pais ou eles mesmos limpar.

**Entrevistadora:** Você já estudou em outra escola? Por que saiu?

**L:** Em muitas... Porque minha mãe disse umas é porque é muito longe... E as outras era porque a professora num ensinava quase nada.

Aluno (a): M Sexo: F ( ) M ( X )

Idade: 11 anos.

**Entrevistadora:** O que você mais gosta de fazer na escola?

**M:** Gosto de fazer dever... E brincar.

**Entrevistadora:** O que você menos gosta de fazer na escola?

**M:** É... De... Como é... Dever de matemática. Eu num se dou muito em conta não.

**Entrevistadora:** Você sabe o que é disciplina? Se souber, explique.

**M:** É quando a pessoa... Se comporta e... Às vezes não se comporta...

**Entrevistadora:** Você se considera um aluno (a) disciplinado ou indisciplinado? Por quê?

**M:** Mais ou menos (risos). Às vezes eu sou teimoso. Brigo... Converso na hora do dever.

**Entrevistadora:** Quais são as atividades que você faz em sala de aula que te deixam mais comportado?

**M:** Atividade? É... Português, quando copia.

**Entrevistadora:** Você acha importante que existam regras a serem seguidas na escola? Por quê?

**M:** Acho. Porque fica melhor... Que... Não molha o banheiro assim... Com regra.

**Entrevistadora:** O que você faz ao chegar em casa?

**M:** Eu? Assisto televisão, e se tiver dever... Depois eu faço.

**Entrevistadora:** Como você faz as tarefas de casa? Alguém te ajuda ou você faz sozinho?

**M:** Ajuda. Meu pai.

**Entrevistadora:** O que você acha que a escola deve fazer com os alunos que são indisciplinados?

**M:** Eu acho que ela dar suspensão... Dar suspensão, expulsão né? Como é... Um bilhetinho para os pais. E às vezes, só dar castigo... Deixar sentado lá embaixo.

**Entrevistadora:** Você já estudou em outra escola? Por que saiu?

**M:** Já. Porque tava... e quando eu... Passava de série ficava mais caro.

Aluno (a): F Sexo: F ( ) M ( X )

Idade: 11 anos.

**Entrevistadora:** O que você mais gosta de fazer na escola?

**F:** Estudar... Fazer dever e brincar.

**Entrevistadora:** O que você menos gosta de fazer na escola?

**F:** Ficar fazendo nada... Sem nada pra fazer.

**Entrevistadora:** Você sabe o que é disciplina? Se souber, explique.

**F:** Não.

**Entrevistadora:** Você se considera um aluno (a) disciplinado ou indisciplinado? Por quê?

**F:** Disciplinado? Porque eu faço os dever, eu faço os dever de sala.

**Entrevistadora:** Quais são as atividades que você faz em sala de aula que te deixam mais comportado?

**F:** Matemática, português... Conta. Escrever assim... Na folha, no caderno...

**Entrevistadora:** Você acha importante que existam regras a serem seguidas na escola? Por quê?

**F:** Unhum... Sim. Para obedecer... A professora, a diretora...

**Entrevistadora:** O que você faz ao chegar em casa?

**F:** Tomo banho, como, vou assistir, depois vou pra banca.

**Entrevistadora:** Como você faz as tarefas de casa? Alguém te ajuda ou você faz sozinho?

**F:** É... A professora de banca.

**Entrevistadora:** O que você acha que a escola deve fazer com os alunos que são indisciplinados?

**F:** Deixar de castigo... Dar advertência, expulsar.

**Entrevistadora:** Você já estudou em outra escola? Por que saiu?

**F:** Já. Porque eu fazia raiva à professora... Eu pequeno eu brigava com os meninos, essas coisas.

Aluno (a): E Sexo: F ( ) M ( X )

Idade: 13 anos.

**Entrevistadora:** O que você mais gosta de fazer na escola?

**E:** Estudar e brincar.

**Entrevistadora:** O que você menos gosta de fazer na escola?

**E:** De brigar com os colegas.

**Entrevistadora:** Você sabe o que é disciplina? Se souber, explique.

**E:** Não.

**Entrevistadora:** Você se considera um aluno (a) disciplinado ou indisciplinado? Por quê?

**E:** Disciplinado. Rapaz... Num sei... Mais ou menos (risos)... Tá, porque eu só fico conversando na sala. No recreio jogo bola, brigo... Tá... Apronto que só, meu Deus do céu (risos).

**Entrevistadora:** Quais são as atividades que você faz em sala de aula que te deixam mais comportado?

**E:** Rapaz, pra mim eu acho que é português... Português e ciências, eu acho. Rapaz, eu desenho... Português eu faço qualquer coisa.

**Entrevistadora:** Você acha importante que existam regras a serem seguidas na escola? Por quê?

**E:** Rapaz, eu acho. Rapaz nem sei, falei por falar mesmo... Respeito uns ao outro... Sei não.

**Entrevistadora:** O que você faz ao chegar em casa?

**E:** Tomo banho, vou deitar na cama e já foi... Já num saio mais pra rua.

**Entrevistadora:** Como você faz as tarefas de casa? Alguém te ajuda ou você faz sozinho?

**E:** Tá (risos)... Eu faço (risos)... Só quando tem eu num faço nada. Tem um bocado sem fazer já.

**Entrevistadora:** O que você acha que a escola deve fazer com os alunos que são indisciplinados?

**E:** Rapaz, num sei não.

**Entrevistadora:** Você já estudou em outra escola? Por que saiu?

**E:** Já. Eu gazeei tanta da aula! Vixe, meu Deus do céu... Foi acho que trinta dias sem aula só. Chegava à frente da escola e pegava a bolsa pra dá rolé... Role... Role... Chegava em casa, madeira. Tá... Era madeira virado em um jegue... Todo o dia, todo o dia.

Aluno (a): A Sexo: F ( ) M ( X )

Idade: 11 anos.

**Entrevistadora:** O que você mais gosta de fazer na escola?

**A:** Brincar, correr, jogar de bola... E brincar de luta (risos).

**Entrevistadora:** O que você menos gosta de fazer na escola?

**A:** Rapaz é dever... Acho cansativo.

**Entrevistadora:** Você sabe o que é disciplina? Se souber, explique.

**A:** Não sei.

**Entrevistadora:** Você se considera um aluno (a) disciplinado ou indisciplinado? Por quê?

**A:** Mal comportado... Mais ou menos. Converso, encrenco na sala com os meninos... Jogo giz nos meninos... Só.

**Entrevistadora:** Quais são as atividades que você faz em sala de aula que te deixam mais comportado?

**A:** Português... Copiar.

**Entrevistadora:** Você acha importante que existam regras a serem seguidas na escola? Por quê?

**A:** Sim. Não pra brigar, não pra bater, machucar...

**Entrevistadora:** O que você faz ao chegar em casa?

**A:** Tiro a roupa, tomo banho e assisto televisão.

**Entrevistadora:** Como você faz as tarefas de casa? Alguém te ajuda ou você faz sozinho?

**A:** Na banca.

**Entrevistadora:** O que você acha que a escola deve fazer com os alunos que são indisciplinados?

**A:** O melhor... Suspensão, dar advertência.

**Entrevistadora:** Você já estudou em outra escola? Por que saiu?

**A:** Já. Porque lá todo mundo me batia. Era ruim lá... Até a diretora me batia... De palmatória. Porque um dia os meninos veio em cima de mim, aí eu rumei uma pedra, aí coisou a cabeça do menino assim... Aí ela me bateu, minha mãe deixou.

1. As observações foram realizadas nos meses de setembro e outubro de 2010 nas seguintes datas: 08, 15, 22 e 29 de setembro; 06 e 22 de outubro. [↑](#footnote-ref-1)
2. A entrevista foi realizada em 13/10/2010 na sala de professores da escola em estudo no momento em que os alunos estavam na aula de educação física. [↑](#footnote-ref-2)
3. O projeto político pedagógico seria objeto de análise documental, mas não o localizamos na escola. [↑](#footnote-ref-3)
4. O humanismo é uma corrente filosófica, ligada à moral, que coloca o homem como ser primordial, acima de todas as coisas, atribuindo grande importância as suas posturas éticas, como a dignidade e, principalmente, a racionalidade, conforme vimos em Cambi (1999). [↑](#footnote-ref-4)
5. A revolução burguesa foi um movimento ocorrido através do declínio do feudalismo, recorrente à revolução industrial, que desencadeou o capitalismo, fortalecendo os comerciantes e os proprietários das grandes cidades assim como analisou Cambi (1999). [↑](#footnote-ref-5)
6. Norbert Elias, em sua obra “Sociedade dos Indivíduos” (1994), analisou a sociedade de corte como uma civilização das boas maneiras, que formou o novo modelo de cidadão imposto e a maneira como os seres humanos individuais ligam-se uns aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade. [↑](#footnote-ref-6)
7. Neste tipo de ensino, os alunos passaram a ter seus lugares individuais determinados, opondo-se ao ensino tradicional, em que o aluno trabalhava com o professor durante alguns instantes, enquanto o grupo restante esperava ocioso e sem vigilância, conforme analisou Foucault (2004). [↑](#footnote-ref-7)
8. O ESTATUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE é um documento que dispõe as leis referentes à proteção integral à criança e ao adolescente, assim como é exposto por Brasil (2004). [↑](#footnote-ref-8)
9. Esses acontecimentos, segundo Cambi (1999) foram: A evolução industrial (século XVIII), a revolução burguesa (século XVII), o humanismo (século XVII) e a revolução francesa (1789). [↑](#footnote-ref-9)
10. Através das observações, registramos em nosso diário de campo as situações de conflito evidenciadas em sala de aula, bem como a conduta da professora e dos alunos, destacando de que maneira estes componentes do espaço escolar tem reagido na problemática da disciplina/indisciplina escolar. Assim, vimos as atitudes que a professora tomava quando seus alunos não se comportavam da maneira esperada e como os alunos respondiam a essas atitudes, além de observar o modo com que estes alunos se relacinavam uns com os outros. [↑](#footnote-ref-10)
11. Entrevista realizada em Aracaju, em 13/10/10. [↑](#footnote-ref-11)
12. Entrevista realizada em Aracaju em 13/10/2010. [↑](#footnote-ref-12)
13. Entrevista realizada em Aracaju em 13/10/2010. [↑](#footnote-ref-13)
14. Observação realizada em sala de aula, em 22/09/2010. [↑](#footnote-ref-14)
15. Observação realizada em sala de aula, em 22/09/2010. [↑](#footnote-ref-15)
16. Observação realizada em 22/10/2010. [↑](#footnote-ref-16)
17. Entrevista realizada em 13/10/2010. [↑](#footnote-ref-17)
18. Entrevista realizada em 13/10/2010. [↑](#footnote-ref-18)
19. Entrevista realizada em 13/10/2010. [↑](#footnote-ref-19)
20. Entrevista realizada em 13/10/2010. [↑](#footnote-ref-20)
21. No período deste estudo, o Regimento estava em fase de reelaboração. Por isso, analisamos o regimento que ainda está em vigor. [↑](#footnote-ref-21)
22. O Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos pelo ECA (BRASIL, 2004, p. 35). [↑](#footnote-ref-22)
23. A Gestão Democrática, prevista na constituição de 1988 e na LDB 9394/96 é um instrumento que faz com que todos os integrantes da escola (equipe diretiva e demais funcionários, professores, alunos, pais etc.) estejam envolvidos na participação das decisões a serem tomadas na escola, assim como analisou Paro (2001). [↑](#footnote-ref-23)
24. Para preservar a identidade dos alunos entrevistados, utilizaremos apenas as iniciais de seus nomes, para que não sejam identificados. [↑](#footnote-ref-24)
25. Entrevista realizada em 20/10/10. [↑](#footnote-ref-25)
26. Entrevista realizada em 20/10/2010. [↑](#footnote-ref-26)
27. Entrevista realizada em 20/10/2010. [↑](#footnote-ref-27)
28. Entrevista realizada em 20/10/2010. [↑](#footnote-ref-28)
29. Entrevista realizada em 20/10/2010. [↑](#footnote-ref-29)
30. Entrevista realizada em 20/10/2010. [↑](#footnote-ref-30)
31. Entrevista realizada em 20/10/2010. [↑](#footnote-ref-31)
32. Verificamos que existe uma cópia deste documento na pasta individual do aluno F. [↑](#footnote-ref-32)
33. O projeto “Se Liga” têm como objetivo minimizar as situações de alunos que se encontram em distorção de idade-série, conforme é exposto em [www.seduc.to.gov.br](http://www.seduc.to.gov.br). [↑](#footnote-ref-33)
34. Entrevista realizada em 27/10/2010. [↑](#footnote-ref-34)
35. Entrevista realizada em 27/10/2010. [↑](#footnote-ref-35)
36. Entrevista realizada em 27/10/2010. [↑](#footnote-ref-36)
37. Entrevista realizada em 27/10/2010. [↑](#footnote-ref-37)
38. Entrevista realizada em 27/10/2010. [↑](#footnote-ref-38)
39. Entrevista realizada em 27/10/2010. [↑](#footnote-ref-39)